



# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Maio-Junho de 2009



## Ética pastoral

Um por todos,  
todos por um, p. 21

# Por que, Senhor?

Um caminho seguro para desvendar  
os mistérios do sofrimento humano



A ceia e os indignos, p. 15

Mudanças no culto, p. 26



# Como fazer visitas proveitosas

**R**eceber a visita pastoral é uma expectativa justa de todo membro de igreja. Porém, tal expectativa se torna irrazoável, quando os membros imaginam que o pastor fará todas as visitas, especialmente se ele cuida de um distrito com muitas igrejas. Por isso, esse trabalho deve ser partilhado com anciãos e outros líderes locais.

Em meu último distrito, realizei uma pesquisa entre os membros a respeito da visita pastoral, pedindo-lhes que assinalasse uma das opções sobre como gostariam de receber visitas pastorais:

- em qualquer tempo;
- mediante agendamento;
- somente quando solicitada.

A primeira opção foi respondida principalmente por irmãos aposentados, com mais de 65 anos. A segunda foi majormente respondida por pessoas entre 40 e 65 anos. A maior parte dos irmãos abaixo dos 40 anos, entre os quais jovens e pais com filhos pequenos, assinalou a terceira opção.

Hoje, me pergunto se as respostas seriam as mesmas, caso ainda estivesse naquele distrito. Acredito que as expectativas podem ter variado conforme a mudança de circunstâncias de vida. A análise dessa pesquisa me animou a reclassificar a visita pastoral de acordo com a necessidade, urgência e responsabilidade.

**Visitação proativa.** Ampliamos nosso quadro de anciãos e dividimos a congregação em grupos cuja visita regular foi assumida pela liderança leiga, lado a lado com a equipe pastoral. Nossos anciãos iam visitar sempre acompanhados de outro líder. Como pastor, eu alternava com eles e, assim, pudemos visitar todos os membros regularmente, assegurando-nos de que todos fossem visitados ao longo do ano.

**Visitação reativa.** Crises familiares, tais como morte, enfermidade grave, unção ou desafios imprevistos, eram prioridade máxima. Nesses casos, o pastor era envolvido mais diretamente no processo. Esse tipo de visita acon-

tecia também em ocasiões de alegria como preparo de casamento, nascimento e dedicação de crianças, formaturas ou dedicação de lares. Lembre-se de que boa parte do ministério de Jesus foi investida em banquetes, funerais e encontros sociais.

**Visitação rápida.** Se permitirmos, indivíduos emocionalmente instáveis monopolizarão quase todo o nosso tempo. Tais irmãos devem ter limites estabelecidos ou nada mais poderemos fazer, além de lhes permitir desafogar suas frustrações ou expor fantasiosas teorias doutrinárias. Sempre que alguém me abordava com uma história longa, eu sempre respondia: “Posso lhe dar dez minutos agora ou meia hora depois.” Caso o assunto envolvesse alguma “descoberta” teológica, eu pedia que me entregasse o material escrito, para exame posterior.

**Visitação criativa.** Muito da minha visitação foi empregada em atrair pessoas que podiam dar alguma valiosa contribuição à igreja. Por exemplo, orava com

*A visitação pastoral deve ser cuidadosamente planejada*

policiais, bombeiros, juizes e outros oficiais públicos. Costumava pedir aos irmãos que me apresentassem a seus vizinhos,

amigos e empresários conhecidos deles. Também investi tempo e energia em relacionamentos com pastores de outras denominações.

**Visitação instrutiva.** Para mim, o tipo mais prazeroso de visitação é aquele diretamente relacionado com o crescimento espiritual das pessoas: preparo para o batismo, aconselhamento pré-conjugal, desenvolvimento de liderança e assuntos relacionados com a missão da igreja.

Como pastores do rebanho do Senhor, devemos ter um planejamento efetivo para sistemática visitação de todos os membros em nossas congregações. Eles têm boas razões para esperar isso de nós. ■

**Editor:**

Zinaldo A. Santos

**Assistente de Redação:**

Lenice F. Santos

**Revisoras:**

Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

**Chefe de Arte:**

Marcelo de Souza

**Designer Gráfico:**

Marcos S. Santos

**Foto de capa:**

Jupiterimages / Stockxpert

**Colaboradores Especiais:**

Bruno Raso; Ranieri B. Sales;  
James Cress; Nikolaus Satelmajer

**Colaboradores:**

Edilson Valiante; Edward Heindinger  
Zevallos; Feliz Santamaria; Francisco C.  
Bussons; Horácio Cairus; Ivanaudo B.  
Oliveira; Ivancy Araújo; Jair Garcia Góis;  
Montano de Barros Netto; Patrício B.  
Alfaro; Samuel Jara; Valdílho Quadrado

**Diretor Geral:**

José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro:**

Edson Erthal de Medeiros

**Redator-Chefe:**

Rubens S. Lessa

**SERVÍÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE**

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

[www.dsa.org.br/revistaelministerio](http://www.dsa.org.br/revistaelministerio)

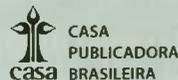
Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 45,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,50



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total  
ou parcial, por qualquer meio, sem prévia  
autorização escrita do autor e da Editora.



# Confrontando o sofrimento

**D**eus é amor', está escrito sobre cada botão que desabrocha, sobre cada haste de erva que brota. Os amáveis passarinhos, a encher de música o ar, com seus alegres trinos; as flores de delicados matizes, em sua perfeição, impregnando os ares de perfume; as altaneiras árvores da floresta, com sua luxuriante ramagem de um verde vivo – todos testificam da terna e paternal solicitude de nosso Deus, e de Seu desejo de tornar felizes Seus filhos” (Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 10).

Essa declaração forma o pressuposto a partir do qual todo crente deve avaliar as experiências de dor e sofrimento que configuram sua existência terrestre. Contudo, para o cético, esse mesmo pressuposto é considerado intrigante paradoxo: “Se Deus é amor, por que sofrem Seus filhos?” Então, na busca de respostas para essa indagação, muitos têm enveredado por fantasiosas especulações como acontece, por exemplo, na racionalização epicurista:

“Deus ou quer impedir os males e não pode; ou pode e não quer; ou nem quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode é impotente, o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso, o que, de maneira idêntica, é contrário a Deus. Se nem quer, nem pode, é invejoso e impotente, portanto nem mesmo é Deus. Se pode e quer, que é o único conveniente a Deus, de onde provém, então, a existência dos males? Por que Ele não os impede?” (Reinhold A. Ullmann, *Epicuro: o Filósofo da Alegria*, p. 112). A conclusão epicurista é que Deus não se preocupa com o mundo, vivendo isolado “no gozo do Seu bem-estar”.

De fato, a compreensão plena do sofrimento ainda permanece como grande desafio também para o cristão. Nosso conhecimento do amor divino e a crença em “Seu desejo de tornar felizes Seus filhos” não têm impedido que, às vezes, nossa fé seja surpreendida pela indagação: “Por quê?” Somente quando observamos o milenar conflito entre Deus e Satanás, é que temos um vislumbre do grande quadro por trás do sofrimento. E, melhor ainda, somos informados de que um dia tudo isso terminará de modo a revelar ao mundo a justiça do caráter de Deus, graças à vitória conquistada por Cristo na cruz do Calvário.

Até esse momento, devemos confiar. Primeiramente, porque não somos deixados ignorantes a respeito do fim da história do mal, pecado e sofrimento. Em segundo lugar, Deus nos tem dispensado Sua amorosa providência, limitando (apesar de tudo) as ações do inimigo (Jó 1:12; Sl 124:1-3; 1Co 10:13) e utilizando situações adversas para cumprir Seus propósitos de salvação (Gn 50:20; At 2:36). Em nosso dia-a-dia pastoral, são muitas as oportunidades de aplicarmos o lenitivo das promessas divinas a corações feridos. Que o Senhor nos dê sabedoria e sensibilidade espirituais para fazê-lo. ▀

Zinaldo A. Santos

### 9 BATISMO JUVENIL: A IDADE IDEAL

Última parte de dois artigos sobre batismo de crianças.

### 13 DEPOIS DO FUNERAL

Sugestões práticas para ajudar na recuperação de pessoas enlutadas.

### 15 A CEIA E OS INDIGNOS

O que significa participar indignamente da cerimônia de comunhão.

### 17 POR QUE, SENHOR?

Uma resposta segura para o problema do sofrimento humano.



Foto: Jupiterimages / Stockport

### 21 UM POR TODOS, TODOS POR UM

Ideias para fortalecer os alicerces da ética pastoral.

### 24 CONSELHOS AOS PREGADORES

Ajuda inspirada para melhorar a qualidade da nossa pregação.

### 26 MUDANÇAS NO CULTO

Como tornar a liturgia relevante sem ferir suas raízes bíblicas (primeira parte).

### 30 PROTEJA SUA VOCAÇÃO

Medidas preventivas contra a impureza.

### 2 SALA PASTORAL

### 3 EDITORIAL

### 5 ENTREVISTA

### 8 AFAM

### 32 MURAL

### 34 RECURSOS

### 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



*“São os que  
cumprem  
fielmente o trabalho  
que lhes é designado  
dia a dia que, na  
ocasião oportuna,  
ouvirão de Deus: ‘Sobe  
para mais alto’.”*

Ellen G. White

# Tudo sob controle

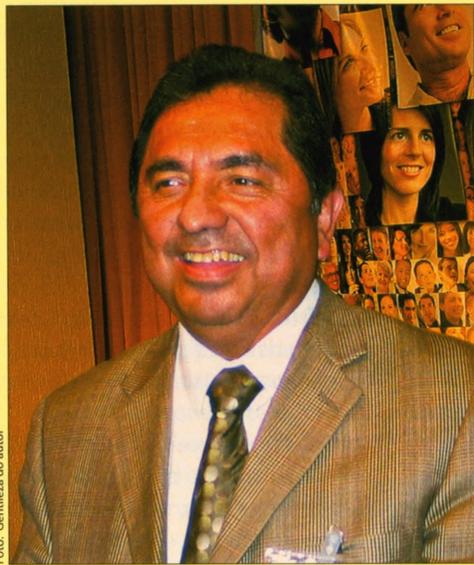


Foto: Gentileza do autor

*“Deus tem nas mãos o destino da igreja e da História. Ele dirige a missão e os acontecimentos. Tudo se cumprirá conforme Seus propósitos”*

por Zinaldo A. Santos

**A**ntes de ser nomeado secretário associado da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nove anos atrás, o pastor Agustin Galícia liderou igrejas, departamentos, e foi presidente de Missão, Associação e União em seu país, México. Depois, trabalhou como secretário da Divisão Interamericana. Com a esposa, Eucaris, ele partilha a felicidade de ter quatro filhos e dois netos.

Na Associação Geral, o pastor Galícia faz parte de uma equipe composta por sete membros (secretário titular, subsecretário e cinco associados). Eles têm a responsabilidade de secretariar comissões, redigir eventuais alterações no *Manual da Igreja* e elaborar procedimentos para orientar o trabalho das secretarias das igrejas. Segundo Galícia, o controle de membros é fundamental para o exer-

cício da missão. “Sem saber quantos membros possui nem com quantos pode contar, nenhuma organização avançará muito em busca de seus objetivos”, ele afirma.

Durante o Concílio Ministerial da União Sul-Brasileira, realizado em fevereiro, no Instituto Adventista Paranaense, ele concedeu a entrevista que segue.

**Ministério:** *Como o senhor avalia o crescimento da igreja adventista no mundo?*

**Galícia:** Bem, existem regiões como África, América Central e América do Sul, que são os maiores focos de crescimento da igreja. O mesmo fenômeno se repete nas Filipinas e nas ilhas do Pacífico, pertencentes à Divisão do Pacífico. Há outros setores em que também se observa considerável crescimento. Nos Estados Unidos, por

exemplo, as chamadas minorias étnicas, os imigrantes, fazem a diferença em termos de crescimento evangelístico. Em outras regiões, o progresso é lento. Porém, o projeto de Missão Global, que agora é chamado de Missão Adventista, tem muitos missionários e pioneiros trabalhando na abertura de lugares em que anteriormente não havíamos penetrado.

**Ministério:** *Qual é o nível de crescimento da igreja na Europa?*

**Galícia:** O grande problema da Europa é o secularismo. Porém, também devo dizer que alguns sinais de despertamento nos dão esperança de que as coisas estão começando a mudar. Na Divisão Euro-Africana, há um renovado enfoque no evangelismo, produção de literatura e, pouco a pouco, estão despertando e tratando de avançar com a pregação do evangelho.

**Ministério:** *Crescimento de igreja pressupõe avanço numérico. Contudo, há também o incômodo fenômeno da evasão. Contabilizados os dois aspectos, o chamado crescimento neto é satisfatório?*

**Galícia:** Fiz uma análise de duas Divisões. Ainda não pude avaliar a questão no âmbito mundial. Nas Divisões estudadas, a porcentagem dos que saem é de 34%. Então, temos 66% que permanecem. Outro fenômeno que devemos considerar, ao falarmos de porcentagem, é o fato de que em muitos lugares e durante muitos anos, ninguém tomou a iniciativa de atualizar os números. Todos nós sempre soubemos que éramos menos do que os números diziam. Finalmente, no ano passado, alguns Campos resolveram enfrentar a situação e des-

Há dezenove anos, estou trabalhando em secretaria e sempre digo aos irmãos nas igrejas o seguinte: Se as estatísticas dizem que temos mais de um milhão de adventistas no Brasil, por exemplo, e em algum momento descobrimos que somos menos, em vez de ficar traumatizados, devemos louvar a Deus. Afinal, isso indicará que com menos estamos fazendo mais. Nosso problema é alimentar uma cultura que resiste à redução de números. Temos que batizar e aumentar o número de conversos. Porém, igualmente temos que manter os números atualizados. E posso lhe dizer que a Divisão Sul-Americana tem dado um passo à frente nessa questão. Aqui, existem Campos que exemplificam muito bem a conscientização dos benefícios dessa prática. Ela tem que

ser constante, cotidiana. Não devemos acumular um problema, para que, depois, a solução dele não produza algum tipo de trauma.

*“É quase inacreditável o que Deus está realizando no mundo, como fruto da oração. Ele é o maior interessado em Se tornar conhecido”*

cobriram que tinham números, mas não tinham nomes. Então, o índice de remoção foi grande. A verdade é que, sem saber quantos indivíduos possui ou com quantos pode contar, nenhuma organização avançará muito na busca de seus objetivos.

**Ministério:** *A apresentação de uma longa lista de membros que devem ser removidos é uma experiência traumática para uma igreja. Que fórmula o senhor aconselha para amenizar esse processo?*

**Galícia:** Em 1993, a Associação Geral lançou um programa de auditoria de secretarias das igrejas. Obviamente, como você sabe, se não for colocado em prática, nenhum programa funciona. Mas, vou lhe dizer muito cuidadosa e amorosamente: Parece-me que nem todos os administradores estão amadurecidos para enfrentar esse problema. Todos nós tememos a redução dos números porque, como você mesmo disse, é uma experiência traumática.

**Ministério:** *O que tem sido feito para abriremos a chamada “janela 10/40”?*

**Galícia:** Preocupada com esse assunto, no ano passado, a liderança da Associação Geral formou uma comissão que trabalhou junto às Divisões mundiais no sentido de canalizar recursos financeiros para o trabalho na “janela 10/40”. Como resultado disso, lá pelo ano 2012, algumas Divisões terão suas subvenções redirecionadas para o restante do mundo, especialmente a “janela 10/40”. Atualmente, a Divisão Interamericana é um dos Campos com maior número de obreiros interdivisão. A partir de 2012, ela disponibilizará 50% desses obreiros à “janela 10/40”. Assim, em nossa igreja, há um movimento para redirecionar e focalizar a missão evangelística onde a necessidade é maior. Nos próximos meses, o projeto terá sua discussão final, mas o relatório preliminar indica que iremos nessa direção.

**Ministério:** *Atualmente, não temos nenhum obreiro naquela área?*

**Galícia:** Depende do local. Há lugares em que temos obreiros e outros em que não podemos tê-los. Mas, o Instituto de Missões da Associação Geral tem um programa de identificação de membros adventistas que estão em países onde oficialmente não existe a presença da igreja. Quando essa identificação é feita, os membros recebem treinamento missionário. Não podemos enviar pastores, mas há profissionais de outras áreas que, no respectivo contexto e devidamente treinados, plantam a semente do evangelho de Cristo Jesus.

**Ministério:** *O que se tem demonstrado mais difícil para nossa missão: o mundo secularizado ou o misticismo das religiões orientais?*

**Galícia:** Parece-me que as duas coisas têm o mesmo tipo de dificuldade. Veja, há dois anos, visitei a China pela primeira vez e, ali, alguém perguntou qual era minha igreja. Respondi que era adventista do sétimo dia, e continuamos a falar sobre o cristianismo. Quando lhe perguntei por que não aceitava os ensinamentos cristãos, a resposta foi que o cristianismo é coisa do mundo ocidental e não tem nada para lhe oferecer. “Sua religião”, disse meu interlocutor, “surgiu há dois mil anos; a minha é mais antiga.” Analise esse argumento junto ao grande número de ocidentais que cada vez mais adotam as práticas místicas orientais. Enquanto tentamos ganhar terreno entre eles, eles também conquistam os ocidentais. Então, eles pensam: Somos nós que temos algo a oferecer. Creio piamente que nossa saída é a oração. Costumo colecionar relatos missionários e é quase inacreditável o que Deus está fazendo no mundo, como fruto da oração. Às vezes, nós nos desesperamos e preocupamos, parecendo esquecer-nos de que Deus está no controle e é o maior interessado em Se tornar conhecido de todas as pessoas.

**Ministério:** *Fale algo sobre o ano do evangelismo.*

**Galícia:** Desde o início de sua administração, o pastor Jan Paulsen imprimiu novo enfoque ao evangelismo. Antes, prioritariamente discutíamos em nossos concílios assuntos administrativos. Atualmente, o evangelismo ocupa a pauta desde o primeiro dia de reuniões. Nesse contexto, estamos empenhados em insistir, durante o ano 2009, no fato de que a igreja tem uma missão e Deus espera que a cumpramos. Isso deve ecoar em todos os Campos e instituições denominacionais do mundo. O alvo da Associação Geral é que todos nós estejamos envolvidos na proclamação da mensagem de que Cristo é o Salvador e em breve retornará para estabelecer Seu reino eterno.

**Ministério:** *E o projeto "Siga a Bíblia"?*

**Galícia:** Esta é uma iniciativa lançada, também no início deste ano, pela liderança da igreja no sentido de restaurar em nosso povo a intimidade com a Bíblia. Temos sido conhecidos como "o povo da Bíblia" e sempre nos avaliamos dessa forma. Porém, infelizmente, reconhecemos que muitos já não investem tempo de qualidade no estudo e meditação das Escrituras e, assim, descuidam de seu fortalecimento espiritual. Temos que priorizar a mensagem bíblica como sendo relevante em todos os tempos, para todos os povos e culturas. Nesse momento, há um exemplar das Escrituras percorrendo o mundo, como uma tocha olímpica. Entre os meses de setembro e outubro, essa Bíblia passará pela América do Sul, oriunda do Oriente Médio. Por ocasião da abertura da próxima assembleia geral da Igreja, no próximo ano, em Atlanta, ela será entregue solenemente ao presidente da Associação Geral.

**Ministério:** *Inegavelmente, o mundo está muito agitado nos aspectos ecológico, político, econômico,*

*social e outros. Como a liderança da igreja avalia tudo isso à luz da nossa escatologia?*

**Galícia:** A igreja considera todos esses eventos como parte dos sinais do fim. A crise econômica atual chegou de surpresa, e a Associação Geral tem tomado medidas preventivas, congelando temporariamente o salário-base, reduzindo em 20% os gastos com viagens, suspendendo contratação de servidores, fazendo com que administradores e diretores de departamentos acumulem funções que inicialmente deviam ser preenchidas e reorganizando congressos. Entretanto, devo dizer que não fazemos coro com as vozes sensacionalistas e extremistas que, diante de tais acontecimentos, anunciam a vinda de Cristo quase para uma semana ou um mês depois. Há um calendário profético que se cumprirá, dentro do plano estabelecido por Deus. Devemos trabalhar, esperar e estar preparados. Há outros acontecimentos com certo impacto escatológico.

*"Necessitamos de reavivamento e reforma. Na medida em que dependemos de Deus, vamos progredir numérica e espiritualmente"*

**Ministério:** *O que pensam nossos líderes a respeito de Barack Obama?*

**Galícia:** Definitivamente, Obama galvaniza a simpatia de todas as correntes de pensamento em todo o mundo. Nenhum presidente conseguiu isso. Durante a posse, milhares de pessoas de todos os segmentos e partes do mundo estavam presentes, centralizando nele suas esperanças. É interessante notar a ênfase do seu discurso de posse sobre os valores éticos, morais e religiosos, honradez, liberdade, trabalho e outros. Tudo isso fala da América que nos é revelada na profecia. Deus está no controle da História e cumprirá

Seu plano. Mas, não precisamos nem devemos tentar correr à Sua frente. Confiemos e esperemos nEle.

**Ministério:** *Pela internet têm circulado mensagens informando sobre planos do parlamento europeu relacionados ao estabelecimento da observância obrigatória do domingo. O que o senhor diz sobre isso?*

**Galícia:** Pelo menos no momento, não existe motivação religiosa nessa questão específica. Tudo está relacionado a questões trabalhistas. A proposta tem que ver com direitos dos trabalhadores. A melhor observância de leis que sempre existiram, destinadas a beneficiar o trabalhador, está sendo enfatizada, com objetivo de obter produção e crescimento da economia. Evidentemente, temos consciência de que, mais rapidamente do que imaginamos, tudo isso pode tomar rumo diferente do que agora é apresentado. Mas, repito, não temos que ser sensacionalistas.

**Ministério:** *Se o senhor tivesse que apontar a maior necessidade da igreja, qual seria essa necessidade?*

**Galícia:** Tenho pensado muito nisso e concluo que nossa maior necessidade é experimentar maior dependência de Deus. Como diz Ellen G. White, necessitam os de reavivamento e reforma. Na medida em que dependemos de Deus, vamos progredir numérica e espiritualmente, vamos nos preparar para o encontro com Ele, enfim, seremos uma nova igreja. Precisamos tomar tempo para comunhão com o Senhor e decidir nos entregar inteiramente a Ele. Necessitamos conhecer Jesus cada vez mais. Conhecendo-O, receberemos a bênção da presença do Espírito Santo. Ele dirigirá nossa vida, nos tornará mais ousados e imprimirá em nós maior sentido de urgência. Quando esses elementos forem conjugados, veremos um novo dia para a igreja. ▀



# Influência decisiva

*As mães devem ser uma tradução viva da Bíblia, da qual seus filhos possam se orgulhar*

**N**um programa em homenagem às mães, alguém disse que elas têm mais de um bilhão de utilidades. Apesar da boa intenção, esse filho disse pouco ou quase nada sobre o verdadeiro papel de mãe. É muito pouco limitar numericamente esse papel, como se ela fosse objeto. Sua missão é mais abrangente, e não deve ser avaliada por tarefas desempenhadas no lar, mas por sua grande missão de amor.

O mundo está cheio de mães que lavam e passam roupas, limpam a casa e cozinham. Essas atividades são extremamente necessárias e, de certo modo, não acrescentam dificuldade ao seu cotidiano. Porém, é a tarefa de educar para a eternidade que faz da mãe uma verdadeira missionária no lar, e não há soma suficiente de números capaz de calcular o valor dessa missão.

Ao instituir a família, o Criador confiou aos pais a tarefa de educar os filhos, mas cabe à mãe a maior parte desse trabalho, considerando que ela passa a maior parte do tempo com os filhos. Entre outras coisas, Abraham Lincoln é lembrado por causa de uma célebre frase: “Deem-me boas mães, e mudarei o mundo”. Porém, a fim de mudar o mundo através dos filhos, é indispensável que a mãe se deixe controlar pelo Espírito Santo e viva o evangelho em sua totalidade, refletindo, assim, a imagem de Deus junto à família.

## Tradução viva

Conta-se que quatro pastores ingleses avaliavam o mérito de quatro traduções da Bíblia. Um deles afirmou apreciar a tradução do Rei Tiago, por causa do ótimo inglês; outro mencionou preferir a Versão Revisada de 1881, pela fidelidade às línguas originais, e o terceiro disse que gostava da tradução de Moffat, por apresentar linguagem mais moderna. O quarto pastor apenas ouvia. Quando pediram sua opinião, ele respondeu: “Gosto mais da tradução de minha mãe”. E, diante da perplexidade

dos demais, acrescentou: “Ela fez a tradução em seu dia-a-dia. E foi a mais convincente que já vi”. Como mães, seremos mais autênticas e convincentes no desempenho dos propósitos de Deus, se traduzirmos Seus ensinamentos através de nossa vida diária.

Seja qual for a conduta da mãe, ela será o diferencial maior de influência que definirá o caráter dos filhos. Por essa razão, sua conduta deve ser delineada pelos princípios cristãos, incluídos o estilo de linguagem, gosto musical e vestuário, entre outras coisas. Nossa vida deve ser um livro aberto, escrito com caracteres nítidos, digno de ser lido, analisado, e cujos ensinamentos sejam seguidos pelos filhos. Devemos ser a mais bela e fiel tradução bíblica, da qual nossos filhos possam se orgulhar.

## Fazendo a diferença

Com respeito à missão da mãe, Ellen G. White escreveu: “Nenhuma outra obra pode se comparar à sua em importância. Ela não tem, como o artista, de pintar na tela uma bela forma, nem, como o escultor, de cinzelá-la no mármore. Não tem, como o escritor, de expressar um nobre pensamento em eloquentes palavras, nem, como o músico, de exprimir em melodia um belo sentimento. Cumpre-lhe, com o auxílio divino, gravar na alma humana a imagem de Deus” (*O Lar Adventista*, p. 237).

Ensinar aos filhos o respeito e a obediência é um enorme desafio materno. Muitas mães não têm dado a devida atenção à importância de imprimir essas virtudes no caráter dos filhos, permitindo-lhes desenvolverem uma personalidade despótica e caprichosa. Ao se tornarem adolescentes e adultos, certamente terão dificuldade para controlar seus impulsos, tornando-se irascíveis, dominadores, centralizadores e egoístas. É fundamental que, desde os primeiros anos, ensinemos a nossos filhos o domínio de seus instintos e o valor da submissão à vontade de Deus. ▀



# Batismo juvenil: a idade ideal

*Bom senso e prudência são  
indispensáveis na administração  
da cerimônia batismal*

**E**m todo o Novo Testamento, não há exemplo de batismo infantil ou adolescente que ajude a determinar qual era a prática apostólica com relação a isso. Mesmo assim, os argumentos apresentados em defesa dessa prática pretendem ter alguma base bíblica. Um deles vincula, com base em 1Co 7:14, a suposta elegibilidade batismal dos filhos à qualificação espiritual dos pais. A ideia é que não haveria nenhum problema em se antecipar o batismo dos filhos de pais cristãos, por causa da influência positiva que esses pais exercem sobre eles. Mas, não só o batismo é uma questão individual, como não há nada em 1Co 7:14 que diga respeito ao batismo ou a transferência de atributos morais de pais para filhos.

Essa passagem trata apenas da indissolubilidade da relação matrimonial. Ela está inserida num contexto mais amplo em que Paulo discute a situação em que apenas um dos cônjuges se convertia ao Senhor (v 12-16). Como havia entre os crentes coríntios o temor de que o contato com pessoas ou coisas pagãs pudesse gerar algum tipo de impureza religiosa (cf 5:9, 10; 8:1-13), o cônjuge crente estava considerando romper o matrimônio para não ser contaminado, juntamente com os filhos, pelo convívio com o descrente.

Em sua resposta, o apóstolo deixa claro que a relação matrimonial é santa e se o cônjuge descrente condescende em mantê-la, essa relação não deve ser rompida (cf 7:10). Paulo sabia que o contato físico por si só não

pode contaminar (8:4, 8; 10:19, 27), e que mais importante que a contaminação física é a contaminação moral (5:11-13). Por isso, ele inverte o argumento dos coríntios, dizendo que não é o descrente que contamina o crente, mas o crente é que santifica o descrente. A santidade a que o apóstolo se refere não é de natureza moral, pois santidade ou qualquer outro atributo moral não é algo que possa ser transferido pela simples convivência. Santidade aqui, assim como a contaminação, tem conotação física, cultiva. Ser santo significa ser separado para um propósito sagrado (cf 1:2). Esse é o sentido predominante da palavra no Antigo Testamento.<sup>1</sup> Ao ser santificado pelo cônjuge crente, ao esse preservar a relação matrimonial, o descrente não

tinha como contaminá-lo e, talvez, um dia ainda poderia ser levado à salvação (7:16). O mesmo se aplica aos filhos desse relacionamento. Eles não estão salvos, mas até que tenham idade suficiente para assumir responsabilidade por si mesmos, não podem ser considerados impuros só porque um de seus progenitores ainda não é convertido.<sup>2</sup>

*“Não há no Novo Testamento sequer um texto que apoie o batismo precoce”*

### Jesus e as crianças

Outro argumento utilizado para justificar o batismo precoce de crianças é a atitude de Jesus para com os pequeninos. De fato, Jesus disse: “Deixai vir a Mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Mc 10:14; Mt 19:14; Lc 18:16). E mais: “Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele” (Mc 10:15; Mt 18:3-4; Lc 18:17). Esses textos, porém, nada têm que ver com o batismo. O contexto esclarece: alguns pais levaram crianças para que Jesus as abençoasse, mas os discípulos tentaram impedi-los, talvez numa tentativa de proteger Jesus. Foi nesse momento que Ele, tomado de indignação pela atitude dos discípulos, proferiu as palavras acima. O que aconteceu em seguida, porém, não foi o batismo dessas crianças, mas a bênção que os pais foram buscar: “Então, tomando-lhes nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava” (Mc 10:16).

Levar crianças para serem abençoadas pelos rabinos, especialmente quando completavam um ano de vida, era prática comum em Israel. Marcos não informa a idade dessas crianças, mas o ato de Jesus de tomá-las nos braços sugere que eram muito novas. Então, por que Jesus afirmou que devemos nos tornar como uma criança para podermos

entrar no reino de Deus? A ênfase de Sua declaração está no verbo “receber.” O reino é algo que Deus dá e que o homem recebe. Ninguém pode merecê-lo ou conquistá-lo por algum mérito. As palavras de Jesus pressupõem a pequenez e a impotência de uma criança. Só pode entrar no reino quem reconhece quão pequeno e impotente é o ser humano e que se dispõe a, como uma criança, aceitar sem reservas ou constrangimento aquilo que é dado. “A piedade não-infantil da conquista deve ser abandonada em reconhecimento de que receber o reino é permitir a si mesmo que este lhe seja dado.”<sup>3</sup>

### Batismo da família

Um terceiro argumento apresentado com relação ao batismo de crianças é que, em ocasiões quando toda a família está sendo batizada, não haveria nenhum problema em se incluir também as crianças mais novas, caso haja alguma. Há quem cite alguns episódios de conversão mencionados no livro de Atos para demonstrar a validade do argumento (At 16:14, 15, 30-33; 18:8; 1 Co 1:16). Três observações, porém, relacionadas a esses episódios são necessárias: (1) em nenhum deles existe menção de crianças; (2) a palavra grega para “casa” (*oikos/oikia*) podia incluir também os chamados escravos domésticos ou até “parentes e amigos íntimos” que porventura estivessem presentes (At 10:24; 11:14); e (3) pela forma como Lídia é retratada em At 16:14, 15, talvez ela fosse divorciada, viúva, ou quem sabe até solteira.<sup>4</sup> É completamente injustificável referir-se aos episódios em Atos em que toda uma “casa” foi batizada como evidências de batismos familiares que incluíam também crianças mais novas.

Não há no Novo Testamento sequer uma referência ao batismo de crianças, muito menos indicações que justifiquem, mesmo em casos especiais, a administração precoce do

rito. O batismo é uma decisão individual e não pode ser recebido sem que haja uma resposta consciente de fé e arrependimento à pregação do evangelho. A idade da responsabilidade não deve ser ultrapassada sob a alegação de que os pais são bons cristãos, que Jesus recebia crianças, ou que toda a família está sendo batizada. É interessante notar que esses argumentos, juntamente com os respectivos textos bíblicos, são os mesmos utilizados pelos que acreditam que a igreja apostólica praticava o batismo infantil, inclusive de recém-nascidos. A implicação é óbvia: quando é rompido o parâmetro, as portas ficam escancaradas para todo e qualquer tipo de prática, inclusive o batismo de recém-nascidos, o qual tem encontrado resistência cada vez maior mesmo entre as denominações que o praticam.<sup>5</sup>

### Passos do desenvolvimento

No judaísmo dos dias de Jesus, a transição da infância para a idade adulta ocorria quando a criança completava doze anos de vida. A partir de então, ela era considerada responsável por suas escolhas e ações. Até essa idade, poucas eram suas obrigações religiosas, e os pais não deviam ser muito rigorosos. Ela devia guardar o sábado corretamente, mas não era obrigada a guardar todos os detalhes da lei cerimonial. Por exemplo, estava isenta do jejum anual do dia da expiação, mas devia ser introduzida na prática um ou dois anos antes que se tornasse obrigatório, aos doze anos, que era quando o menino judeu se tornava um *bar mitzwah*, (“filho dos mandamentos”). Era também somente a partir dessa idade que a criança começava a tomar os primeiros votos, oferecer os primeiros sacrifícios e a frequentar regularmente as festas em Jerusalém.<sup>6</sup> A primeira peregrinação de Jesus a Jerusalém para a festa anual da Páscoa ocorreu quando Ele completou doze anos (Lc 2:42), embora Seus pais tivessem o costume de fazê-lo anualmente (v 41).

Não há instrução ou preceito bíblico ordenando que o início da maioridade se dê a partir do décimo-segundo aniversário da criança. Segundo uma tradição judaica, Moisés permaneceu na casa de seus pais até aos doze anos,<sup>7</sup> mas a importância atribuída a essa idade pelos rabinos era unicamente pela observação das transformações físicas, psíquicas e cognitivas que a criança começava a experimentar nessa idade. Eles enfatizavam que era por essa época que a criança começava a compreender mais profundamente detalhes da Lei e a memorizá-los com mais facilidade.

Também diziam que era aproximadamente aos doze anos que a criança começava a desenvolver mais resistência física ao ponto de poder empreender as longas caminhadas exigidas nas peregrinações a Jerusalém. Para os judeus, a idade da responsabilidade estava inteiramente relacionada com o início da puberdade. O Talmude é explícito sobre isso. Na época em que o Talmude foi compilado, no início da Idade Média, o ingresso na idade adulta do ponto de vista religioso passou dos doze para os treze anos,<sup>8</sup> e assim permanece até hoje.

Porém, os judeus não são os únicos a relacionarem a idade da responsabilidade com o início da puberdade. Isso também acontece com a maioria dos grupos cristãos que praticam o batismo adulto, embora, como regra, eles rejeitem o estabelecimento de uma idade específica, como o faz também a igreja adventista. Não há dúvida de que esse conceito é resultado do que poderíamos chamar de senso comum, ou seja, a observação empírica do impacto da puberdade na capacidade cognitiva e conceitual da criança. Esse fato é confirmado pela maioria dos estudos em pedologia (desenvolvimento da criança), desde Jean Piaget a Lawrence Kohlberg, com sua teoria do desenvolvimento dos estágios morais. Estudos direcionados para o campo da religião também confirmam que é na adolescên-

cia, ou pelo menos nos dois ou três anos de transição da pré-adolescência para a adolescência, que a criança começa a desenvolver fé mais consciente e autônoma, como parte de sua identidade pessoal e religiosa.<sup>9</sup>

“É entre os dez e doze anos que a criança pode compreender o significado da conversão”

### Anos de transição

Entre os educadores adventistas, Donna J. Habenicht tem se destacado na produção literária e no ensino sobre o assunto, sempre procurando unir conceitos da pesquisa educacional com as instruções de Ellen G. White. No seu livro *How to Help Your Child Really Love Jesus*, ela declara que, desde os primeiros anos de vida, a criança começa a desenvolver noções básicas de amor, confiança e obediência. Os conceitos espirituais começam a amadurecer apenas quando a criança atinge, por assim dizer, a idade escolar (sete a nove anos). É nessa época que ela começa a entender o significado de pecado, perdão e salvação. Sua compreensão de tais assuntos não é completa, mas suficiente para uma criança. Nessa faixa etária, a criança está pronta para entender a diferença entre certo e errado, bem como a necessidade de obedecer e amar a Deus. Ela está pronta a reconhecer a autoridade e o poder de Deus e a formar as primeiras ideias acerca do que significa religião.

É dos dez aos doze anos, os quais Habenicht chama de os anos de transição, que a capacidade cognitiva da criança se expande e ela começa a entender conceitos religiosos que antes eram abstratos. Simbolismos como a cruz e o santuário, que antes tinham pouco ou nenhum significado, começam a se tornar relevantes para ela. É somente a partir dessa época que a criança começa a compreender

a sequência histórica e, portanto, pode assimilar o significado de profecias de tempo como as que envolvem a volta de Jesus. É também a partir dessa época que o estudo das doutrinas bíblicas começa a fazer sentido para a criança ao ela ampliar sua capacidade conceitual e lógica. É nessa faixa etária que a criança passa a entender e a lidar com alguns problemas da vida cristã, como tentação e dúvida. É apenas entre os dez e doze anos que ela pode saber o significado da conversão e estar pronta para assumir o compromisso de entregar a vida a Jesus e servi-Lo de todo o coração.

Portanto, declara Habenicht, é nessa época que a maioria das crianças que cresceram em lares adventistas estarão prontas para o batismo, embora ela reconheça que algumas crianças precoces poderão estar prontas mais cedo. Mas, ela também alerta para o fato de que, em alguns casos, o processo pode demorar um pouco mais, podendo se estender até os quatorze anos.<sup>10</sup>

### Posição adventista

Muitas crianças adventistas são batizadas entre os dez e doze anos de idade. Entre os que defendem o batismo precoce, costuma-se dizer que tal prática era comum entre os pioneiros e que a Sra. White jamais emitiu reprovação a respeito. De fato, há um relato de que Tiago White batizou um grupo de doze crianças que tinham entre sete e quinze anos.<sup>11</sup> Porém, três pontos devem ser observados. Primeiro, o fato ocorreu em maio de 1844, ainda no contexto do movimento milerita. Tiago White era um jovem pastor de 23 anos, ainda não era casado e Ellen ainda não tinha recebido nenhuma visão.

Segundo, a situação parecia ser muito especial. As crianças tinham ouvido as pregações de White e, por si mesmas, decidiram pelo batismo

e até haviam tomado a iniciativa de formar um pequeno grupo de estudos. Havia muita oposição, até da parte dos pais, as crianças sofreram ameaças e um pastor de outra denominação tentou desqualificar a decisão delas. No dia do batismo, três outros pastores evangélicos estiveram presentes e foram hostis. Tiago não se intimidou: “Eu estava determinado”, escreveu ele, “a ajudar os sentimentos daquelas queridas crianças tanto quanto possível, e a repreender aqueles que as perseguiam.”<sup>12</sup> Terceiro, mesmo como atenuante da situação, o fato de Tiago White vir a se tornar, mais tarde, um dos líderes da Igreja Adventista, não torna essa atitude um paradigma a ser seguido.

No livro *Nisto Cremos*, a igreja reluta em estabelecer uma idade para o batismo, acreditando que “os indivíduos diferem no tocante à sua maturidade espiritual em qualquer idade que desejemos considerar”. Isso significa admitir que “alguns estarão preparados... antes que outros”.<sup>13</sup> Apesar disso, existe a preocupação de que os candidatos “tenham idade suficiente para compreender o significado do batismo, tenham se rendido a Cristo e estejam convertidos, compreendam os princípios fundamentais do cristianismo e o significado de serem membros da igreja”.<sup>14</sup>

A mesma preocupação pode ser encontrada no *Manual da Igreja*. Ele também declara que nenhuma idade deve ser estabelecida para o batismo, mas salienta que crianças “muito novas” que expressem o desejo de “ser batizadas, devem ser “incentivadas e admitidas num programa de instrução que conduza ao batismo”.<sup>15</sup> A linguagem fica bem mais específica quando passa a destacar as responsabilidades que repousam sobre aqueles que desejam se tornar membros da igreja. “Todos devem ser fielmente instruídos quanto ao que significa tornar-se membro do corpo de Cristo. Só os que dão prova de haver experimentado o novo nascimento e de estar desfrutando

uma experiência espiritual no Senhor Jesus se acham preparados para ser aceitos como membros.” O texto fala da “esmerada instrução sobre os ensinamentos fundamentais e as práticas da igreja relacionadas com eles” que deve ser ministrada aos candidatos ao batismo. Trata-se de uma relação espiritual; portanto, “só os que estão convertidos podem entrar nessa relação. Unicamente assim podem ser preservadas a pureza e a posição espiritual da igreja”.<sup>16</sup>

Nos escritos de Ellen G. White, verificamos a mesma preocupação: “As exigências do evangelho devem ser estudadas a fundo com os batizando”,<sup>17</sup> ela diz. Em outra citação, declara que só devem ser aceitos os candidatos que derem evidência de que “compreendem plenamente sua posição” ao lado de Cristo.<sup>18</sup>

Novamente, ela opina: “As crianças de oito, dez, ou doze anos, já têm idade suficiente para ser dirigidas ao tema da religião individual.”<sup>19</sup> E faz questão de destacar a responsabilidade dos pais no sentido de instruir os filhos quanto ao verdadeiro significado do rito: “O batismo é um ritual muito importante e sagrado, e importa compreender bem seu sentido. Simboliza arrependimento do pecado e começo de uma nova vida em Cristo Jesus. Não deve haver nenhuma precipitação na administração desse rito.”<sup>21</sup>

Também não se deve adiar a administração de tal rito de modo que a criança perca o interesse por ele. Fazer isso, diz a Sra. White, é levá-la a adormecer “à beira do abismo da destruição”.<sup>22</sup> Satanás não vai aguardar até que haja um vínculo formal entre a criança e Cristo para começar a exercer sua influência devastadora. Prudência e bom senso são indispensáveis. Nem tão cedo, antes que a criança possa entender o pleno significado do ato, nem tão tarde, depois que ela tenha perdido sua susceptibilidade espiritual.<sup>23</sup> Talvez, a prática da Sra. White nos ensine alguma coisa. Seus filhos Henrique, Edson e William foram

batizados respectivamente com quinze, treze e doze anos.<sup>24</sup> ■

#### Referências:

- <sup>1</sup> No Antigo Testamento, o adjetivo “santo” se aplica tanto a pessoas quanto a objetos dedicados ou consagrados a Deus, de modo que eles são removidos de sua esfera ordinária para não mais servirem a propósitos comuns (Êx 29:27, 34, 37, 44; 30:23-33, 34-38; 31:14, 15; 40:9; Lv 11:44, 45; 19:2; 24).
- <sup>2</sup> Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987) p. 299-302.
- <sup>3</sup> William L. Lane, *The Gospel of Mark* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 361.
- <sup>4</sup> C. K. Barrett, *Acts of the Apostles*, (Edinburgh: T&T Clark, 1994-1998), v. 2, p. 783, 784.
- <sup>5</sup> Kurt Aland, *Did the Early Church Baptize Infants?* (Londres: SCM, 1963). Esse livro foi uma resposta ao esforço de Joachim Jeremias de demonstrar tanto bíblica quanto historicamente a prática do chamado pedobatismo (batismo infantil) já a partir do primeiro século da Era Cristã (*Infant Baptism in the First Four Centuries*, Londres: SCM, 1960).
- <sup>6</sup> Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ* (Edinburgh: T&T Clark, 1973-1987), v. 2, p. 417-422.
- <sup>7</sup> *A Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica* (Peabody: Hendrickson, 1997), v. 3., p. 43.
- <sup>8</sup> b. Kiddushin 16b.
- <sup>9</sup> Donna J. Habenicht, “*Spiritual Nurture of Children: A Course Syllabus*”, material não publicado, usado na Escola de Educação da Andrews University (Berrien Springs: 1998), v. 4, p. 30.
- <sup>10</sup> Donna J. Habenicht, *How to Help a Child Really Love Jesus* (Hagerstown: Review and Herald, 1994), p. 113-127.
- <sup>11</sup> James White, *Life Incidents, in Connection with the Great Advent Movement as Illustrated by the Three Angels of Revelation 14* (Battle Creek: Steam Press, 1868), p. 110-112.
- <sup>12</sup> *Ibid.*, 110, 111.
- <sup>13</sup> *Nisto Cremos: As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, p. 249.
- <sup>14</sup> *Ibid.*, 248.
- <sup>15</sup> *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, p. 29.
- <sup>16</sup> *Ibid.*
- <sup>17</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 393.
- <sup>18</sup> \_\_\_\_\_, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 128.
- <sup>19</sup> \_\_\_\_\_, *Review and Herald* 06/10/1904.
- <sup>20</sup> \_\_\_\_\_, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 150.
- <sup>21</sup> \_\_\_\_\_, *Evangelismo*, p. 309, 310.
- <sup>22</sup> \_\_\_\_\_, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 146.
- <sup>23</sup> Veja Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 515.
- <sup>24</sup> Informação recebida por e-mail de Tim Poirier, vice-diretor do Ellen G. White Estate da Associação Geral, no dia 05/11/2008.



Pastor em Posadas,  
Associação Argentina  
do Norte

# Depois do funeral

*Chamado para consolar, o pastor deve estar sempre disponível nos momentos angustiosos do seu rebanho*

A morte é uma ferida experimentada por indivíduos que estão vivos.<sup>1</sup> É uma amputação emocional que afeta profundamente a pessoa.<sup>2</sup> Significa perder um ser amado com quem se conviveu durante muito ou pouco tempo. A essa perda seguem-se a dor e o sofrimento que vão desde as primeiras reações até o período de reorganização, de busca de uma nova identidade, com o objetivo de retomar o vínculo com novos interesses e com as pessoas.

Embora haja algumas semelhanças, o processo de pesar não é o mesmo para todas as pessoas. A maneira de uma pessoa enfrentar o sofrimento depende de sua personalidade, seu ambiente cultural, crenças religiosas e relação com o ente querido que faleceu, mesmo que nossas reações dependam, em grande medida, do modo como a morte ocorre.<sup>3</sup>

Com frequência, ocorrem crises de crenças acompanhadas de sintomas físicos como náuseas, dores estomacais e de cabeça, insônia, perda de apetite, episódios de aborrecimento, entre outros. Há ocasiões em que a pessoa experimenta um período de silêncio ou sentimento de falta de propósito. No crente, verificam-se períodos de oração e leitura da Bíblia, junto com perguntas, às vezes, de aborrecimento contra Deus.

## O processo da dor

Durante as semanas ou meses seguintes ao falecimento, os enlutados iniciam uma longa jornada de reajuste. Sem o ente querido, devem retornar às suas atividades normais e envolver-se nas atividades sociais. Apesar disso, a tristeza permanece.<sup>4</sup> Em suas investigações, E. Kübler-Ross estabeleceu um processo de cinco fases da dor: negação, depressão, ira, reajuste e aceitação.<sup>5</sup> Alguns autores<sup>6</sup> têm adotado o mo-

delo de Kübler-Ross e outros o têm ampliado, dividindo-o em seis e até dez estágios progressivos. Com base nessas conclusões, são observadas as seguintes etapas emocionais no processo da dor:

**Comoção ou pranto.** Às vezes, um estado de estupefação protege o enlutado do impacto emocional da tragédia. É uma resposta normal desencadeada pelo sistema nervoso; é a forma que Deus tem para anestesiá-la para a pessoa, a fim de capacitá-la para enfrentar a realidade da morte e administrar as dificuldades consequentes. Comentários como: “não chore” ou “tenha fé” são inúteis e mostram falta de sensibilidade. Se essa etapa durar demasiadamente, se tornará anormal e poderá criar problemas.

**Depressão.** A perda de um ente querido obriga a pessoa a reorganizar sua vida. Rompem-se relações e desaparecem sentimentos de segurança. Há ocasiões em que surgem até sintomas de problemas físicos. Se a tristeza não for completamente eliminada, poderá levar a prejuízos físicos reais.

**Medo.** A pessoa angustiada tem dificuldade para pensar e se concentrar. Então, se torna temerosa e sente pânico. A vida parece despedaçar-se tanto no âmbito exterior como no interior.

**Sentimento de culpa.** Pessoas enlutadas têm a tendência de se culpar pela morte de um ente querido. O desenlace abre velhas feridas e desperta antigas lembranças. Também existe a tendência a idealizar a pessoa falecida e ver apenas seus pontos positivos.

**Ressentimento.** Além da tendência de se culpar, o enlutado sente ira em relação a outros: com respeito ao médico, porque julga que ele não fez tudo o que devia ter feito. Também fica irado com outros profissionais do hospital e até com o próprio falecido.

**Apatia.** É penoso para o indivíduo angustiado relacionar-se com a vida real. Ele deseja fechar-se em seu próprio coração e ficar só. Certamente, é normal que pessoas chorosas queiram ficar sozinhas. Porém, se a reclusão for muito longa, é sinal de perigo.

**Adaptação.** Lentamente, a pessoa vai aceitando a perda, reorganiza a vida e enfrenta a realidade. Existem sinais definidos de que essa adaptação está ocorrendo: a pessoa fala facilmente sobre o falecido e, com o passar do tempo, até sorri pelas coisas que aconteceram no passado. Também deixa de dar rédea solta à sua hostilidade e busca formas de ministrar a outros sofredores. Contudo, precisa de tempo para que a aflição desapareça e, enquanto a cura está em processo, necessita de aceitação e ânimo.

## O papel do pastor

Na terapia do consolo, somente podem ser efetivas a utilização de recursos obtidos na própria experiência da perda,<sup>7</sup> bem como a ajuda de profissionais especializados ou conselheiros.<sup>8</sup> Os procedimentos mais úteis para trabalhar com pessoas que sofrem alguma perda, são os seguintes:

**Ajudar a perceber a perda.** Enquanto a perda não for assumida,

não é possível trabalhar com as emoções. A melhor forma de ajudar enlutados a tomar consciência da realidade é falar sobre o assunto. Contar a experiência ou narrar a memória do falecido pode ser outro modo de afirmar a aceitação.

**Ajudar a identificar e a expressar sentimentos.** Muitos sentimentos podem não ser reconhecidos. Os mais prováveis são ira, angústia, culpa e desamparo. Há circunstâncias em que o pesar estimula ideias de suicídio. Por isso, convém perguntar ao sofredor se, durante a experiência pela qual está passando, em algum momento ele pensou que a vida perdeu o sentido. Externar experiências reprimidas é fundamental. Expressar e sentir é o caminho único para curar, fechar a ferida e recuperar-se.

**Ajudar a reorganizar a vida.** Em geral, o falecido cumpria diversos papéis, e o fato de o enlutado assumir esses papéis contribui para sua melhor adaptação. Enfrentar a dor é aprender a viver só, aprender novas formas de relacionamento com familiares e amigos, e aprender a realizar tarefas desempenhadas pelo falecido. O pastor e os membros da igreja devem ajudar os familiares a tomar decisões importantes, principalmente nas primeiras etapas do processo.

**Facilitar a substituição emocional.** É importante assinalar que a pessoa que faleceu nunca mais será substituída. Porém, é possível preencher o vazio com outras relações, no devido tempo.

**Dar tempo para a dor e a aflição.** É preciso tempo para se processar uma perda, considerando que nenhuma pessoa se liberta totalmente do sentimento de perda. É uma etapa difícil na qual se procura superar a dor, porém, não exterminá-la. Isso é impossível. Estudiosos estabelecem um ano ou ano e meio, para superar as dores mais profundas. A experiência tem demonstrado que o fato de um cônjuge unir-se a outra pessoa, antes de se desvincular emocionalmente da anterior, gera mais confusão e dificuldades do que ajuda.

**Considerar normais as condutas inusitadas.** Durante o processo de sofrimento, são experimentadas raras sensações, tais como dor, tristeza profunda, mal-estar, angústia, vontade de chorar, insônia, inapetência, sensação de estar na presença do falecido, ouvir sua voz, entre outras. Tudo isso é normal.

**Respeitar diferenças individuais.** Nem todas as pessoas processam do mesmo modo a experiência da perda. É importante reconhecer isso e permitir que cada uma revele, a seu modo, os próprios sentimentos.

**Providenciar apoio contínuo.** Quem recebeu a nobre tarefa de consolar deve estar disponível, especialmente nos momentos críticos ou quando surgem os picos de angústia e solidão. Jamais deve abandonar o sofredor, porém manter contato com ele por meio de telefonemas e visitas pessoais.<sup>9</sup> Essa é a oportunidade áurea para atuação de pequenos grupos de apoio, compostos por irmãos que também sofreram alguma perda e aprenderam as lições decorrentes dela. Eles podem prover companhia e ajuda no lar de algum sofredor.

**Avaliar os meios de enfrentar a perda.** Não se deve apoiar o consumo de bebida alcoólica nem drogas. É necessário desenvolver recursos centralizados no problema, afirmando a autoestima, estimulando a autossuficiência e fortalecendo as habilidades pessoais. ▀

### Referências:

- <sup>1</sup> N. Wright, *Como Aconsejar en Situaciones de Crisis* (Barcelona: Editorial Clie, 1990), p. 178-186.
- <sup>2</sup> G. Collins, *Consejeria Cristiana Efetiva* (Grand Rapids: Editorial Portavoz, 1997), p. 172.
- <sup>3</sup> E. N. Jackson, *Cuando Alguien Muere* (Buenos Aires: Editorial América, 1973), p. 6.
- <sup>4</sup> G. Collins, *Aconselhamento Cristão* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1985), p. 173.
- <sup>5</sup> E. Kübler-Ross, *Sobre la Muerte y los Moribundos* (Barcelona: Editorial Grijalbo, 1969), p. 115.
- <sup>6</sup> J. Hightower, *El Cuidado Pastoral Desde la Cuna Hasta la Tumba* (El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1986), p. 169, 170.
- <sup>7</sup> Mario Pereyra, *En Busca de la Alegria de Vivir* (Libertador San Martin, Entre Rios: Bienestar Psicológico, 1999), p. 43-45.
- <sup>8</sup> *Guia Para Ministros* (Buenos Aires: Aces, 1995), p. 208.
- <sup>9</sup> Pablo Polischuk, *El Consejo Terapéutico: Un Manual Para Pastores y Consejeros* (Barcelona: Clie, 1994), p. 364, 365.



# A ceia e os indignos

*“Aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor”*

**P**articipar do serviço de Comunhão pode ser uma experiência intensamente emocional. Tanto a cerimônia do lava-pés como os emblemas da Ceia do Senhor nos oferecem a oportunidade de unir os aspectos teológicos e emocionais da nossa fé. Nossa participação nessa cerimônia pode comunicar muitas coisas: aceitação do amor de Jesus, lembrança de Sua morte na cruz, o momento da vitória contra o mal, antecipação do dia em que participaremos desse ritual com o Senhor e, finalmente, nosso amor uns para com os outros.

Porém, o que temos a dizer sobre a não participação nessa cerimônia? Normalmente, há várias razões para a autoexclusão. Não raro, elas incluem o desconforto causado por conflitos interpessoais não resolvidos e o senso de que somos indignos diante de Deus. Aliás, Paulo adverte: “Por isso, aquele que comer o pão ou

beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor” (1Co 11:27).

Se verdadeiramente sentimos nossa indignidade, deveríamos nos abster do risco de nos tornarmos réus “do sangue e do corpo do Senhor”? Não. Excluir-nos da Comunhão porque nos sentimos indignos é interpretar mal as palavras de Paulo nesse texto.

## Compreensão enganosa

O que Paulo quer dizer, ao usar a palavra “indignamente”? Esse termo tem origem no grego *àxios*, e significa “equilibrar dois pesos da balança”,<sup>1</sup> ou seja, o objeto colocado no prato de uma balança só é valioso quando pode ser equilibrado ou igualado ao peso do outro prato.

Nesse contexto, quando é que nós nos parecemos dignos, em comparação com Cristo? A resposta é óbvia; quando produzimos “frutos dignos de arrependimento” (Mt 3:8). Porém,

toda pessoa que lê a Bíblia se vê como indigna, especialmente em contraste com Jesus. Na verdade, tal percepção nos permite receber o dom da graça, como o filho pródigo que, considerando-se indigno, foi perdoado pelo pai (Lc 15:22-24). Ou o centurião de Cafarnaum que, depois de expressar sua falta de mérito para receber Cristo em sua casa, foi elogiado por sua fé (Lc 7:6, 9).

Somente Cristo é digno: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Ap 5:12). Pelos méritos de Jesus Cristo, recebemos graça e perdão; nada vem de nós mesmos. Paulo afirmou: “Sou grato para com Aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel [digno], designando-me para o ministério” (1Tm 1:12). Portanto, dessa perspectiva, os autores bíblicos descrevem a impossibilidade de qualquer um de nós chegar à igreja num sábado pela manhã e se achar “digno” de participar da Ceia.

## A mensagem de Paulo

Então, qual é o significado das palavras do apóstolo no texto em consideração? A resposta pode ser encontrada no contexto e na construção gramatical da passagem.

Semelhantes a outros cristãos no período do Novo Testamento, os coríntios costumavam celebrar a comunhão toda vez em que ceavam. Muitos se esqueciam do significado da cerimônia e ingeriam os emblemas como se fossem alimento comum. Então, Paulo escreveu: “Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague. Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto, certamente, não vos louvo” (1Co 11:20-22).

O apóstolo necessitou explicar novamente a importância dessa ordenança, porque seu real significado se havia perdido. Depois de esclarecer o significado da cerimônia, ele os advertiu a não voltar a cometer o engano. Na verdade, os orientou para que partilhassem dos emblemas, em memória do sacrifício de Cristo.

O problema tratado por Paulo relacionava-se à maneira pela qual os coríntios celebravam a comunhão, não à qualidade moral dos participantes. Como escreveu J. Pöhler, “indignidade não consiste na qualidade moral, isto é, o caráter dos participantes da Santa Ceia, mas é o resultado do modo errado de considerar essa cerimônia, contraditório à sua solenidade.”<sup>2</sup> E nosso *Guia Para Ministros* assinala: “[Paulo] não está falando de pessoas indignas participando, mas da maneira indigna como participavam”.<sup>3</sup>

Esse ponto de vista fica claro: “Pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si” (1Co 11:29). Comparando isso com o verso 27, entendemos que a

ideia expressa é a de indignidade no sentido de alguém participar dos emblemas sem compreender o que está fazendo, ou seja, uma atitude irreverente com respeito à ordenança.

## A primeira Ceia

Analisemos o primeiro ritual da Comunhão, estabelecido por Jesus. Segundo a Bíblia, depois de Satanás tomar posse de Judas, o Senhor celebrou a Ceia com os discípulos (Lc 22:3, 14-20), entre os quais estava Judas que já tinha planejado trair seu Senhor. Por que o Mestre não o impediu de participar naquela cerimônia? Acaso, não o considerava indigno? Ellen G. White escreveu: “Se bem que Jesus conhecesse Judas desde o princípio, lavou-lhe os pés... Um longânimo Salvador empregou todo incentivo para o pecador O receber, arrepender-se e ser purificado da contaminação do pecado. Esse exemplo é dado a nós. Quando supomos que alguém está em erro e pecado, não nos devemos apartar dele. Não devemos, por nenhuma indiferente separação deixá-lo presa da tentação nem empurrá-lo para o terreno de Satanás. Esse não é método de Cristo. Foi porque os discípulos estavam em erro e falta que Ele lhes lavou os pés, e todos, com exceção de um dos doze, foram assim levados ao arrependimento.”<sup>4</sup>

Jesus não apenas recebeu Judas na Comunhão, mas também convidou Pedro, que era presunçoso e ainda não estava plenamente convertido (Lc 22:32). Os outros discípulos também não eram modelo de conversão e virtude; mesmo assim, Cristo celebrou a Ceia com eles, sabendo que logo O abandonariam.

## Conclusão

Nossa teologia e compreensão da Ceia do Senhor nos ajudam a ensinar seu significado a nossos irmãos. Essa cerimônia nos remete ao Calvário, onde redescobrimos e compreendemos o amor de Cristo: “E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo” (Jo 12:32). Não é

de surpreender que Ellen G. White tenha escrito: “Cristo instituiu este serviço para que ele nos falasse aos sentidos acerca do amor de Deus, expresso em nosso favor. Não pode haver união entre nós e Deus, senão por meio de Cristo... E nada menos que a morte de Cristo podia tornar eficaz Seu amor por nós.”<sup>5</sup>

Enquanto os emblemas nos são servidos, temos uma razão extra para nos deixar conquistar por Seu amor, assim como ocorreu ao centurião diante da cruz (Mc 15:39). Não temos que pensar em nós mesmos, em nossa indignidade, mas em Jesus e Sua justiça. O próprio senso de indignidade deve nos atrair à Comunhão, não afastar-nos dela.

“O momento da comunhão não deve ser um período de tristeza... Ao se reunirem os discípulos do Senhor em torno de Sua mesa, não devem lembrar e lamentar suas deficiências. Não se devem demorar em sua passada vida religiosa, seja ela de molde a elevar ou a deprimir... Agora, chegam para se encontrar com Cristo.”<sup>6</sup>

Necessitamos ajudar nossas congregações a compreender que a Comunhão não é um fim, mas um começo. A semana seguinte à comunhão, não a que a precede, deve ser a melhor para nós. Reconciliação com Deus, com nós mesmos e com nossos irmãos de fé não deve ser pré-requisito para participação na Ceia do Senhor, mas o resultado disso. Assim, “a comunhão sempre deve ser uma experiência solene, mas nunca sombria. Os erros foram corrigidos, perdoados os pecados, confirmada a fé; é tempo de comemorar”.<sup>7</sup> ■

### Referências:

- 1 W. Forester, *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (Stuttgart: Kohlhammer, 1933), v. 1, p. 1013.
- 2 Rolf J. Pöhler, *Cène et Ablution des Pieds* (Dammarie-lès-Lys, França: Editions Vie et Santé, 1991), v. 1, p. 251.
- 3 *Guia Para Ministros* Silver Spring, MD: Associação Ministerial da IASD, 1992), p. 212.
- 4 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 655, 656.
- 5 *Ibid.*, 660.
- 6 *Ibid.*, 659.
- 7 *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, p. 82, 83.



Pastor e professor  
em Paris, França

# Por que, Senhor?

*Existem caminhos que os pastores podem trilhar com os sofredores, em busca de respostas para suas tragédias*



**F**az alguns anos, vivi uma experiência de muito sofrimento. Minha irmã de apenas 25 anos foi surpreendida por um câncer. Na época em que recebeu o diagnóstico, ela não era cristã, mas passou a viver conforme nossos princípios de saúde na esperança de que a doença regredisse. Sofreu muito. Quando a visitei, como irmão e pastor, pouco tempo antes de sua morte, ainda percebi nela um extraordinário desejo de viver.

Ao lhe dizer que ali estava com o objetivo de prepará-la para a morte e para levá-la a aceitar Jesus, ela ainda não acreditava que estava chegando ao fim. Porém, embora os médicos lhe dessem aproximadamente mais 15 dias de vida, desde a minha visita, ela viveu quase três meses. Durante esse período, no leito, assistiu a séries evangelísticas em DVD, aceitou Cristo como Salvador e Senhor e foi batizada no quarto, em dezembro de 2003, exa-

tamente 40 dias antes de morrer.

Agradeço a Deus por essa decisão final e pela óbvia revelação de Sua poderosa graça. Estou seguro de que o epitáfio sobre sua tumba (João 11:25) reflete a dela e nossa fé na ressurreição dos justos. Porém, todas as vezes em que se aproximam as festas de Natal e Ano Novo (épocas em que perdi meu pai e minha irmã), a mesma pergunta retorna à minha mente: "Por que o Senhor permitiu isso?"

Não sei se a morte de minha irmã pode ser considerada, mesmo em parte, uma tragédia, mas é fato que existem muitos outros exemplos de seres humanos sofrendo muito mais do que ela ou nossa família. A história da humanidade é cheia de tragédias. Se meditarmos sobre casos específicos, ficaremos admirados com a intensidade e duração de sofrimentos que Deus tem permitido: o Holocausto dos judeus, a destruição de Hiroshima e Nagasaki, as guerras do Vietnã, Bósnia, Ruanda, Kosovo e Iraque, os gulags russos, e muitos outros exemplos. Em todos esses casos extremos de sofrimento, a dignidade e personalidade humanas foram degradadas. Isso explica por que filósofos e teólogos veem neles uma ameaça real à explicação teísta do mundo, ou seja a visão de que o mundo foi criado e é sustentado por um onipotente e amoroso Criador.

Marylin McCord Adams, em seu livro *Horrendous Evil and the Goodness of God*, diz que muitas formas de desgraças particularmente aterradoras dificultam a explicação da bondade de Deus. Esses males não poderiam ser explicados pela teodiceia geral (ou defesa de Deus) porque eles não têm nenhum propósito para os participantes desses horrores.<sup>1</sup> Adams afirma que tragédias não podem ser explicadas por abstrações teóricas sobre a relação entre o mal e um benevolente Deus. Para resolver essa contradição, alguém precisa “provar” que a bondade de Deus existe e funciona para indivíduos atingidos por esse tipo radical de desgraça.<sup>2</sup> Isso coloca o problema em nossa própria experiência humana.

### **Discussão filosófica e teológica**

Ao longo da história do problema do mal, do ponto de vista filosófico, houve muitos que ofereceram relevantes soluções ou teodiceias. Entre eles, parece que Alvin Plantinga ofereceu a solução mais próxima da fidelidade à visão cristã. Ele estabelece

que Deus teve de permitir o exercício do livre arbítrio de Suas criaturas, porque um mundo “contendo criaturas que são, às vezes, expressivamente livres (e livremente realizam mais boas ações do que más) é mais valioso que um mundo sem criaturas livres. Deus pode dar origem a criaturas livres, mas não as obriga a fazer somente o que é certo. Se assim fosse, elas não estariam exercendo seu direito de livre arbítrio. Portanto, criar seres capacitados para o bem implica também criá-los capacitados para o mal.

“Assim, Deus criou seres livres; mas alguns deles escolheram usar de maneira errada sua liberdade. Essa é a fonte do mal moral. O fato de que as criaturas livres algumas vezes cometem erros não conta contra a bondade nem a onipotência de Deus. Elas podem evitar a ocorrência do mal apenas exercendo a prática do bem”.<sup>3</sup>

Em resumo, Plantinga argumenta que Deus não podia ter criado criaturas livres e, ao mesmo tempo, prevenir o mal no mundo. Sendo livres, as pessoas tanto podem escolher fazer o bem como o mal. Há muitas abordagens diferentes e até limitações da livre vontade,<sup>4</sup> mas duas abordagens são significativas. A primeira já foi vista na crítica de Adams sobre o problema da apresentação geral do assunto. A teoria de Plantinga não responde ao problema da desgraça sofrida por indivíduos que necessitam crer na bondade de Deus. É muito geral.

A segunda crítica é originada na avaliação da livre vontade. Assim, D. Z. Phillips questiona: “Acaso, não tem Deus nos concedido demasiada liberdade? Por que Ele não a restringe algumas vezes, quando é obviamente necessário? Isso não significa mostrar desrespeito para com a liberdade humana. Podemos ter o maior respeito pela liberdade e independência de outros, mas não devíamos hesitar em intervir para salvar uma pessoa, impedindo algum desastre sobre ela.

Frequentemente é o mínimo que podemos fazer. Por que Deus não faz o mesmo?”<sup>5</sup>

Aqui, Phillips tinha em mente casos e situações reais de múltipla violência, como tortura e assassinato de uma inocente garota vítima de um grupo de rapazes. A fim de provar a bondade de Deus, por si mesma, essa desgraça nunca poderia ser explicada pelo respeito à livre vontade. Portanto, embora a teodiceia da livre vontade ofereça discernimento crucial ao problema da permissão de Deus na ocorrência de tragédias, isso ainda não resolve o problema de Sua bondade para com indivíduos e a alta valorização da liberdade, diante do sofrimento extremo.

A solução deve ser buscada em outra direção. Falando filosófica e teologicamente, ela pode estar mais intimamente ligada à teoria do grande conflito. Falando a respeito das causas do pecado e sofrimento no mundo, Ellen G. White diz: “Os habitantes do Céu e de outros mundos, não estando preparados para compreender a natureza ou consequências do pecado, não poderiam ter visto então a justiça e misericórdia de Deus com a destruição de Satanás. Houvesse ele sido imediatamente excluído da existência, e teriam servido a Deus antes por temor do que por amor. A influência do enganador não teria sido destruída completamente, tampouco o espírito de rebelião teria sido desarraigado totalmente. Devia-se permitir que o mal chegasse a amadurecer. Para o bem do Universo inteiro, através dos séculos sem fim, devia Satanás desenvolver mais completamente seus princípios, para que suas acusações contra o governo divino pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz por todos os seres criados, e para sempre pudessem ser postas acima de qualquer dúvida a justiça e misericórdia de Deus e a imutabilidade de Sua lei...”

“Assim, a história desta terrível experiência de rebelião deveria ser

perpétua salvaguarda a todos os santos seres, impedindo-os de ser enganados quanto à natureza da transgressão, livrando-os de cometer pecado e sofrer seu castigo.”<sup>6</sup>

Claramente, Ellen G. White estabelece que a solução não reside apenas na permissão divina para o livre exercício de nossa liberdade, mas em Sua permissão para o exercício dos planos de Satanás, e isso a fim de assegurar o eterno bem do Universo. Portanto, essa posição está fundamentada em dois pilares: o primeiro é o eterno propósito da mente de Deus. O segundo é a misteriosa expansão das intenções do inimigo. Vamos analisar brevemente esses pontos.

Na mais ampla discussão do “eterno propósito”, é muito valiosa a citação de John R. Schneider, ao comentar sobre o livro de Jó, no contexto de tragédias permitidas por Deus: “É muito difícil ver como o que Deus permitiu acontecer a Jó fosse necessário para produzir algum grande benefício indispensável. A única resposta que posso encontrar para isso é o tipo de sabedoria adquirida pelo patriarca – não apesar de sua experiência, mas por causa dela... Talvez, seja o tipo de sabedoria que os seres humanos devem adquirir e possuir para desenvolver um relacionamento amadurecido com o Senhor, para sempre, no Céu. Não vejo por que esse cenário seja improvável.”<sup>7</sup>

Esse é um comentário muito significativo. Quando Deus permite o mal, Ele tem algum objetivo específico em mente. Mesmo nas piores tragédias, Seu intento (geral, e também particular) é manter relacionamento perfeito e amadurecido com Seus filhos. Isso representa uma perpétua salvaguarda contra futuras rebeliões. Embora seja verdade que é extremamente difícil inserir a cena da menina torturada e estuprada nesse quadro geral, ainda pode haver a possibilidade de que a bondade de Deus se torne algo como justificada, em face de Seu

eterno propósito, apesar de que, humildemente devemos admitir, nem sempre sabemos como.

Falando sobre o segundo pilar do grande conflito, ou o papel de Satanás no problema do mal, no contexto do livro de Jó, o Senhor nunca disse a ele nem a seus amigos que havia um ser como Satanás por trás dos acontecimentos que o envolveram, mas afirmou que não governa arbitrariamente o Universo e que está sempre em conflito com “Leviatã e beemote”, forças do mal algumas vezes totalmente fora de controle.<sup>8</sup> Portanto, Deus tem permitido o desenvolvimento de males causados pelo inimigo e suas hostes justamente porque a guerra ainda não terminou.

*“Mesmo nas piores tragédias, Deus quer manter relacionamento perfeito e amadurecido com Seus filhos”*

A soberania de Deus não é questionada no livro de Jó, mas é severamente desafiada pela liberdade dos verdadeiros agentes do mal. Jó admite sua ignorância em relação à misteriosa realidade do cosmos. Evidentemente, Deus não Se agrada de permitir a liberdade do adversário; por isso mesmo, existe algo aparentemente misterioso no fato de que Ele lhe permita executar quase plenamente seus planos. Deus é soberano, mas por causa do Seu eterno amor, sabedoria e propósito (perspectivas que frequentemente perdemos), Ele entra nesse conflito mantendo Sua relevância, embora pareça limitado diante do mal.

Em suma, não apenas a livre vontade, mas o misterioso relacionamento entre os eternos propósitos de Deus e as contínuas ações dos poderes do mal provêm a estrutura para melhor compreensão do problema do sofrimento. Depois dessa análise, ofereço algumas su-

gestões práticas para aplicação no trabalho pastoral.

### **Diretrizes para aconselhamento**

Simone Weil, filósofa francesa, que se ocupou bastante com o problema do mal, certa vez disse: “Para quem vive neste mundo, tudo pode acontecer sem qualquer critério.” Parece que o filósofo Van Inwagen também concorda com esse pensamento, quando afirma que “muito do mal existente no mundo é devido ao acaso... Isso significa viver em um mundo em que crianças inocentes morrem horrivelmente sem nenhuma razão. Pior que isso, algumas vezes significa viver em um mundo em que o ímpio, por mero acaso, frequentemente prospera. Qualquer pessoa que não deseje viver num mundo assim tem que aceitar e esperar o cumprimento da oferta que Deus nos faz de um mundo melhor no futuro”.<sup>9</sup>

O que mais do que isso poderíamos dizer a crentes cristãos? Essa é a realidade objetiva do problema e ninguém pode negá-la. Ela nos convida à reflexão sobre nossa realidade de sofrimento, mas também sobre a vitória final providenciada pela graça de Deus.

Em nossa aplicação prática desse princípio e diante da discussão filosófica e teológica desenvolvida até aqui, existem algumas diretrizes sugestivas que, segundo penso, devemos seguir em nosso trabalho como pastores junto a pessoas que trilham caminhos sinuosos e íngremes de sofrimento generalizado, ou qualquer sofrimento que, subjetivamente, se afigure particularmente trágico para determinados indivíduos.

**Não defenda Deus.** Se tentarmos defender intelectual ou racionalmente o amor e a benevolência de Deus para uma pessoa em circunstâncias particulares de alguma tragédia, sempre acabaremos nos esquecen-

do de algum componente do quadro completo. A explicação sempre estará além da compreensão humana, além da nossa capacidade de entender o todo, por causa da nossa limitação.

A teodiceia do livre arbítrio pode ser o conceito mais próximo da solução do problema; porém, ainda assim, como explicarmos o silêncio de Deus em casos de sofrimento inocente particular, como o sofrimento causado por doenças genéticas? Algumas formas de sofrimento não resultam diretamente do mau uso que alguém faz do livre arbítrio, portanto, ninguém é culpado. Eles são causados pelo misterioso e inexplicável acaso. Simplesmente acontecem.

Não sabemos por que certos tipos específicos de sofrimento acontecem a pessoas específicas. Então, sejamos cuidadosos em nossa avaliação, para não atribuir a Deus um papel que não é d'Ele. Em certa ocasião, Vítor Hugo disse que, se pudessemos explicar Deus (no contexto da existência do mal), poderíamos ser Deus.

**Permita o questionamento e a lamentação.** Sem questionar Deus e a realidade do sofrimento, não existe verdadeira fé. Deixe que o sofredor em sua congregação faça perguntas. Como vítima, ele necessita ser completamente livre para expressar dúvidas intelectuais, emoções, temores, lamentos e, por mais inaceitável que nos pareça, aborrecimentos contra Deus. Essa é a única forma de tornar possível a cura, porque depois desse processo de catarse ou purificação, o sofredor adquirirá mais ampla visão de Deus, como aconteceu a Jó.

O próprio Deus permite que a pessoa expresse seus sentimentos e dúvidas. Se ela for sincera e, ao contrário de afastar-se de Deus, estiver caminhando em direção a Ele, o Senhor Se revelará como verdadeiro Consolador. Caso Ele ache necessário, também explicará (fará entender) as razões pelas quais está permitindo o sofrimento. Como pastores, nem sempre apreciamos que alguém de nossas congregações

expresse dúvidas e lamentos. Entretanto, a sinceridade inclui tais expressões e não devemos condenar em nossos irmãos a revelação dessa sinceridade.

**Seja compassivo.** A compaixão permanece como a única atitude segura em relação ao sofrimento, porque é uma virtude originada em Cristo. Parece que sem compaixão talvez não fosse possível uma pessoa transcender a desgraça. Por palavras e ações, demonstre compaixão à pessoa que sofre. Isso também inclui perdão de pecados, caso o sofrimento experimentado por ela seja consequência direta de algum erro que praticou. Compaixão é sempre a chave para abrir a porta da compreensão e restauração. Seja empático e considerado para com as vítimas de tragédias.

**Enfatize o grande conflito.** Embora não tenhamos a solução final para o sofrimento, podemos enfatizar os eternos propósitos de Deus. Indivíduos que experimentam sofrimento intenso necessitam manter a fé em Deus que, ao mesmo tempo, é soberano e benevolente. Eles também necessitam compreender que estamos no centro de uma guerra que ainda não terminou. A misteriosa expansão dos atos inimigos pode ser observada e sentida por qualquer pessoa em qualquer lugar.

O tema do grande conflito pode reacender o senso da presença da divindade no coração e levar conforto ou absolver Deus da acusação de que Ele é culpado por alguma tragédia em particular.

**Confronte o sofredor com o sofrimento de Cristo.** Finalmente, quando tivermos usado nosso silêncio, compaixão e reflexões teológicas e espirituais para ajudar a pessoa que experimenta intensa desgraça, há mais uma coisa que deve ser feita: levá-la a Cristo. Pode parecer simples, mas não é. Durante o sofrimento, muitas pessoas são inclinadas a culpar Cristo e a deixar de amá-Lo. Por essa razão, necessitamos dirigi-

las a Ele, falando-lhes a respeito da participação em Seus sofrimentos. Paulo afirmou que essa participação é uma honra e um chamado especial: “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do Seu corpo, que é a igreja” (Cl 1:24). Nós sabemos quanto intensamente Paulo sofreu.

Pelo poder da graça de Cristo, podemos amá-Lo e exaltá-Lo mesmo em meio à mais horrenda forma de sofrimento; porém, apenas se voluntariamente aceitarmos a participação em Seus sofrimentos como um chamado especial de Deus e uma honra. Essa é uma experiência para ser aceita ou rejeitada. Todo discípulo decidirá seguir ou não as pegadas de Cristo através do sofrimento. Nessa participação, parece residir a final solução teórica, prática e pastoral para o problema do sofrimento que, em breve, será erradicado da Terra de uma vez por todas.

Até esse ponto final da História, pode ser ajudador conservar em mente a afirmação de Carl S. Lewis: “Se a tribulação é um elemento necessário na redenção, devemos antecipar que ela nunca cessará até que Deus nos faça plenamente redimidos, e nunca mais remíveis”.<sup>10</sup> ■

#### Referências:

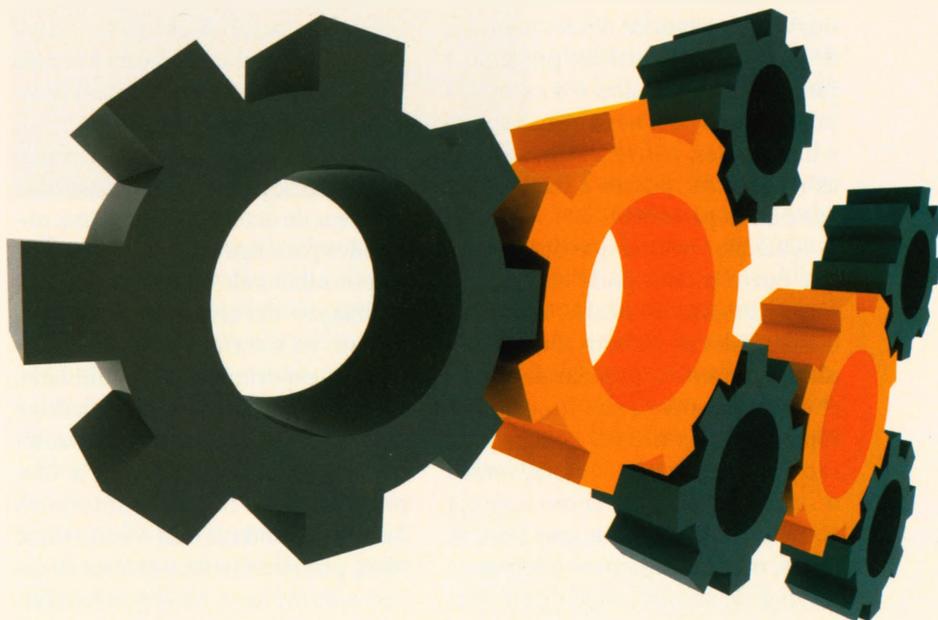
- <sup>1</sup> Marylin McCord Adams, *Horrendous Evil and the Goodness of God* (Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1999), p. 52.
- <sup>2</sup> *Ibid.*, 78.
- <sup>3</sup> Alvin Plantinga, *God, Freedom and Evil* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), p. 93, 94.
- <sup>4</sup> Aleksandar Santarc, *An Evaluation of Alvin Plantinga's Free Will Defense: Whether Our Power To Do Bad is Something Good*, p. 19-36.
- <sup>5</sup> D. Z. Phillips, *The Problem of Evil and the Problem of God* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2005), p. 106.
- <sup>6</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 498, 499.
- <sup>7</sup> John R. Schneider, in *Christian Faith and the Problem of Evil*, Peter Van Inwagen, editor (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004), p. 256.
- <sup>8</sup> Gregory A. Boyd, *Satan and the Problem of Evil* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), p. 223-226.
- <sup>9</sup> Peter Van Inwagen, *Op. Cit.*, p. 72.
- <sup>10</sup> Carl S. Lewis, *The Problem of the Pain* (San Francisco: HarperCollins, 2000), p. 114.



Professor no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia, Cachoeira, BA.

# Um por todos, todos por um

*“Nada façais por partidarismo ou vanglória, considerando cada um os outros superiores a si mesmo”*



Como os pastores convivem uns com os outros, se falam bem ou mal uns dos outros e se seu relacionamento está em harmonia com a Palavra de Deus, certamente, exercerá grande influência sobre o progresso do evangelho, quer para o bem quer para o mal. Ellen G. White afirmou: “Coisa alguma retarda e entrava tanto a obra em seus vários ramos, como o ciúme e as suspeitas e desconfianças. Isto revela dominar a desunião entre os obreiros de Deus. O egoísmo, eis a raiz de todo mal.”<sup>1</sup>

Um tema tão importante como este sugere muitas causas que poderiam danificar os relacionamentos interpessoais entre pastores. Sem a

pretenção de ser exaustivo a esse respeito, neste artigo, nos propomos a analisar o orgulho, a inveja, o espírito de competição, o individualismo, a crítica destrutiva ao antecessor, o intrometimento no trabalho do colega e o flerte com o poder como causas possíveis dos ferimentos causados à ética pastoral.

### **Orgulho e inveja**

Certo pastor bem-sucedido na arte de pregar orgulhava-se de sua presença no púlpito e, por isso, perguntou à esposa: “Quantos grandes pregadores você pensa que existem hoje em nossa denominação?” Sem hesitar, a esposa respondeu: “Um a menos do que você pensa”.<sup>2</sup> Richard

Baxter advertiu no sentido de que “se Deus pôs para fora do Céu um anjo orgulhoso, tampouco tolerará um pregador orgulhoso”.<sup>3</sup>

O orgulho nos faz pensar que somos indispensáveis, leva-nos a nutrir sentimentos de superioridade e nos engana com a falsa percepção de que nossas riquezas e conquistas são frutos de nosso trabalho e habilidades. O conselho da Palavra de Deus é: “Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas” (Dt 8:17). Ao admoestar Seus discípulos a não procurarem o primeiro lugar no banquete, Cristo denunciou o orgulho ao dizer: “Pois todo o que se exalta será humilhado;

e o que se humilha será exaltado” (Lc 14:8, 11). Por sua vez, Paulo aconselha: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fp 2:3, 4).

Sempre que, durante um concílio, um grupo de pastores senta-se à mesa para desfrutar uma refeição, e alguém fala com ênfase do seminário onde se graduou, dos títulos e competência de seus professores, e de seu programa de prática pastoral, os demais se agrupam para o contra-ataque. A mesma coisa acontece quando nos vangloriamos de nossos métodos de trabalho, estatísticas, pregação e carreira. Se o orgulho é a excessiva preocupação com nossas realizações e habilidades, a inveja tem por alvo as realizações, posses e habilidades dos outros pastores.<sup>4</sup>

Qualquer pessoa que deseje algo que outro possui pode entender o ressentimento de Acabe, no episódio da vinha de Nabote. Ou seja, almejamos tanto a popularidade que chegamos a invejar as funções e a reputação dos nossos colegas que são preferidos a nós. De fato, vemos o sucesso de outros como ameaça ao nosso ministério<sup>5</sup> e, por isso, às vezes, não conseguimos celebrar as vitórias de nossos colegas e até desprezamos suas conquistas.

### Competição e individualismo

Stephen Covey mostra a incoerência das táticas motivacionais que tomamos emprestadas do mundo corporativo.<sup>6</sup> Ao tentar entender o porquê do baixo nível de cooperação existente entre servidores de determinada empresa, ele notou um quadro comparativo na parede da sala do presidente.

Naquele quadro, havia vários cavalos de corrida alinhados em diferentes raiais e, acima de cada cavalo, a foto de um dos gerentes da empresa. Na linha de chegada, havia um lindo pôster de uma praia famosa. Nas reuniões semanais, o presidente dizia ao seu grupo: “Vamos trabalhar juntos”. Então, apontava para o quadro e de-

safiava: “Quem ganhará o prêmio?” Ele queria motivação, mas instigava a competição. O sucesso de um significava o fracasso dos outros.

Da nossa parte, as aspirações pastorais também são moldadas por certa ênfase, adquirida de nossa cultura, na individualidade e na competição. Todos têm a necessidade interna de experimentar senso de propósito na vida, através de sua participação em uma causa digna e no relacionamento em comunidade.<sup>7</sup> Também é verdade que temos aspirações individuais à parte da comunidade. Jogadores de futebol no banco de reservas torcem por seu time, mas ao mesmo tempo gostariam de estar em campo jogando e fazendo o gol da vitória.

Creio que é natural aceitarmos como privilégio ser escolhidos como oradores de determinado evento, nomeados para alguma função de maior responsabilidade ou termos alguma realização destacada com ênfase. Porém, se tivermos individualidade sem experimentar comunidade, acabaremos nos sentindo isolados e desmotivados pela falta de aceitação. Uma sugestão para diminuir a diferença entre os impulsos interiores da individualidade e da comunidade seria, primeiramente, a prática da cooperação mútua e, em segundo lugar, o compartilhamento de recursos e ideias ministeriais.<sup>8</sup>

Por exemplo, ao ser transferido de distrito ou igreja, deixe para o sucessor informações úteis tais como endereços de interessados, mapas de localização de congregações e membros, registros de doadores e listas telefônicas que incluam os oficiais da igreja, membros e principais serviços da cidade.<sup>9</sup> Evite a atitude de “lobo solitário”, que leva alguns a faltarem a concílios e encontros ministeriais destinados a promover comunhão, inspiração e ideias para um pastorado frutífero.<sup>11</sup>

### Crítica ao antecessor

Collins e Price mencionam que o primeiro ato do governo eclesástico do recém-eleito papa Este-

vão VII, no outono de 896 d.C., foi mandar desenterrar o corpo de seu antecessor, o papa Formoso. Após vesti-lo com paramentos pontificiais, acusações foram lidas contra o defunto, antes de esse ter a mão decepada e o corpo lançado no rio Tibre. Estevão tinha sido um oponente invejoso e ciumento de Formoso, e agiu para denegrir o ministério deste. Desnecessário é dizer que também teve fim violento. Esse triste exemplo ilustra a falta de ética de um pastor para com seu antecessor e sugere algumas atitudes e cuidados práticos que devem ser cultivados.

Ao assumirmos um novo distrito, não tenhamos tanta pressa em descartar o programa do antecessor. Antes, demonstremos sabedoria bem como respeito em manter aquilo que está funcionando.<sup>13</sup> Na revista O Ministério Adventista, de julho-agosto de 1959, foi publicado o assim chamado “Código profissional para obreiros” que ainda é muito útil para seminaristas e pastores. No parágrafo que destaca a relação do pastor para com os colegas, o código apresenta as seguintes sugestões:

“Não faça insinuações desfavoráveis ao seu antecessor ou sucessor mediante palavras, olhadas ou indiretas; não permita que o zelo profissional anuvie o seu juízo, recordando este princípio: ‘preferindo-vos em honra uns aos outros’ (Rm 12:10); dê o crédito devido às ideias e ao trabalho dos demais, e faça humildemente tudo o que lhe seja possível para cooperar com eles e fazer que sua obra tenha êxito.”

Semelhantemente, pastores assistentes devem ser leais a seus supervisores. Em assuntos administrativos nos quais suas ideias difiram das deles, devem seguir as orientações dos supervisores.<sup>14</sup>

### Intrometimento

Embora esteja comprometido com o ministério entre os membros de seu próprio distrito, o pastor não é uma ilha. Ele mantém relaciona-

mentos com outros de sua comunidade local e com pessoas da igreja mundial. Contudo, seu chamado está limitado a seu distrito e membros. Ele não tem direito de aconselhar nem batizar membros de outro distrito, ou mesmo de realizar qualquer função pastoral em favor deles, sem a permissão do respectivo pastor.

A interferência ou intromissão nos assuntos de outro pastor ou distrito pode assumir diferentes formas. Tentar atrair membros de outro distrito pastoral para que deixem as congregações de que são membros ativos e se transfiram para seu rebanho é um comportamento altamente antiético. Pode-se dizer o mesmo do pastor que já trabalhou em determinado distrito e, tendo sido transferido para outro local, aceita o convite de um membro para officiar o funeral de um falecido sem ter feito qualquer contato com seu sucessor naquela região. Qualquer falha nesse sentido pode criar severa rutura de etiqueta pastoral que pode resultar em abalo nos relacionamentos.

O mesmo princípio é aplicado a cerimônias de casamentos, batismos e à tendência que têm alguns de manter contato telefônico ou pela internet com indivíduos insatisfeitos com o pastor atual, fazendo comentários depreciativos sobre as habilidades desse. Tudo isso é uma evidente interferência na vida de uma congregação que ele não mais pastorea.<sup>15</sup>

### Flerte com o poder

Um conceito que infelizmente molda nosso pensamento como pastores é a metáfora: “fulano subiu, beltrano caiu” ou “a nata sempre sobe”. Para aqueles que cobiçam funções executivas, o trabalho de pastor distrital não é atrativo. Nossa sociedade ensina o alto valor do poder, da fama e do prestígio conferidos por certas funções. Por isso, imagina-se que, quanto mais as pessoas desejem tais funções, mais valiosas elas se tornam. Aqui, o primeiro ponto a ser evitado é a auto-

compaixão; abandonar a impressão de que não somos estimados como devíamos ser. Porém, “os que têm a impressão de que seu trabalho não é apreciado e que desejam uma posição de maior responsabilidade considerem que: ‘Nem do Oriente, nem do Ocidente, nem do deserto vem a exaltação. Mas Deus é o Juiz; a um abate e a outro exalta’. Cada homem tem seu lugar no plano eterno do Céu. Ocuparmos esse lugar, depende de nossa fidelidade em cooperar com Deus.”<sup>16</sup>

*Somos exortados a ter como alvo o elevado padrão de nosso pastorado*

E mais: “Se alguns são classificados para uma posição mais alta, o Senhor deporá o fardo, não apenas sobre eles mas sobre aqueles que o escolheram, que conhecem seu valor e que podem com conhecimento de causa incentivá-lo para a frente. São os que cumprem fielmente o trabalho que lhes é designado dia a dia que, na ocasião oportuna, ouvirão de Deus: ‘Sobe para mais alto’.”<sup>17</sup>

Somos exortados a ter como alvo o elevado padrão de qualidade em nosso ministério, não o alvo de elevada posição. Naturalmente, a melhor forma de ser convidado a ocupar função de maior responsabilidade é ser consistentemente eficiente na realização do trabalho considerado mais simples.

O problema a ser evitado aqui é a tentação de “cavar chamados”, de nos envolvermos em campanhas para ocupar algum departamento ou em usarmos táticas de curta duração em crescimento de igreja, para adquirirmos maior visibilidade. É possível manipular estatísticas em proveito próprio, ao demonstrar pressa em acrescentar pessoas ao rol de membros e lentidão na remoção dos membros inativos. Porém, assim, diluímos

o discipulado que deve ser desenvolvido em nosso distrito pastoral. Em lugar disso, devemos trabalhar duramente onde estamos e buscar aperfeiçoar o que estamos fazendo, deixando os resultados com Deus.<sup>18</sup>

O Novo Testamento sugere um modelo ideal de comunidade (At 2:44-47), em que partilhamos as cargas uns dos outros, nos alegramos com o sucesso dos outros e nos entregamos completamente a serviço de outros. Com esses objetivos, Jesus orou: “a fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (Jo 17:21).

Para que tenhamos essa unidade e mutualidade, necessitamos da graça de Cristo, para remover as cinco armadilhas consideradas aqui. Para promover e solidificar o senso de comunidade pastoral, devemos trabalhar intencionalmente. E devemos celebrar, quando percebermos sua realidade entre nós. ▀

#### Referências:

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 633.
- <sup>2</sup> Robert Schnase, *Ambition in Ministry: Our Personal Spiritual Struggle With Success Achievement and Competition* (Nashville, TN: Abingdom, 1993), p. 43.
- <sup>3</sup> Richard Baxter, *O Pastor Aprovado* (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1989), p. 41.
- <sup>4</sup> Robert Schnase, *Op. Cit.*, p. 47.
- <sup>5</sup> Erwin Lutzer, *Pastor to Pastor: Tackling the Problems of Ministry* (Grand Rapids, MI: Kregel, 1998), p. 19.
- <sup>6</sup> Stephen Covey, *The Seven Habits of Highly Effective People* (New York: Simon&Schuster, 1989), p. 205, 206.
- <sup>7</sup> Robert Schnase, *Op. Cit.*, p. 56.
- <sup>8</sup> Robert J. Radcliffe, *Effective Ministry as an Associate Pastor*, (Grand Rapids, MI: Kregel, 1998), p. 93-96.
- <sup>9</sup> *Guia Para Ministros*, p. 54.
- <sup>10</sup> Kurt Brink, *Overcoming Pastoral Pitfalls*, (Saint Louis, MO: Concordia, 1997), p. 115.
- <sup>11</sup> *Guia Para Ministros*, p. 54.
- <sup>12</sup> Michael Collins; Matthew A. Prince, *Millenium: A Story of Christianity* (Londres: Doring Kindersley, 1999), p. 95.
- <sup>13</sup> *Guia Para Ministros*, p. 54.
- <sup>14</sup> Reidar A. Daehlin, *Pastor to Pastor* (Minneapolis: Augsburg, 1996), p. 92.
- <sup>15</sup> Kurt Brink, *Op. Cit.*, 117.
- <sup>16</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 476.

# Conselhos aos pregadores

*Orientações inspiradas que ajudam a melhorar a qualidade da nossa pregação*

**N**ão. O título desta matéria não se refere a um novo livro de Ellen G. White, embora tenha certa semelhança com alguns títulos já publicados (*Conselhos Sobre Regime Alimentar, Conselhos Sobre Saúde, Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, Conselhos Sobre a Escola Sabatina, Conselhos Sobre Mordomia*). Porém, é verdade que seus escritos a respeito de pregação e pregadores representam material suficiente para um bom livro. Observe, a seguir, algumas de suas joias mais preciosas sobre as características da pregação efetiva.

## Fundamento bíblico

“As afirmações do homem são de pouco ou nenhum valor. Deixem a Palavra de Deus falar ao povo. Deixem aqueles que têm ouvido apenas tradições e máximas humanas ouvirem a voz de Deus, cujas promessas são cumpridas em Cristo Jesus” (*R&H*, 11/03/1902).

## Cristocêntrica

“A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Apresento perante vós o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção – o Filho de Deus erguido na cruz. Isto tem de ser o fundamento de todo discurso feito por nossos pastores” (*Evangelismo*, p. 190).

## Relevância

“É no trabalho fora do púlpito, entre as famílias que as mais ricas e valiosas experiências são adquiridas e que o pastor aprende como pode alimentar o rebanho de Deus, dando a cada um sua porção de alimento no devido tempo... Mas, se o pastor não visita, ele não conhecerá a condição

do rebanho, não saberá quais verdades apresentar nem o que é apropriado a cada caso” (*Apelo e Sugestões a Líderes*, p. 18).

## Praticidade

“Representações fantasiosas da verdade podem provocar um êxtase dos sentidos, mas não raro, verdades apresentadas desta maneira não suprem o alimento necessário ao fortalecimento e robustecimento do crente para as batalhas da vida. As necessidades imediatas, as provas presentes das pessoas em conflito, devem ser enfrentadas com instrução prática e sadia com base nos princípios fundamentais do cristianismo” (*Atos dos Apóstolos*, p. 252).

## Ilustração

“Por intermédio da imaginação, [Jesus] chegava-lhes à alma. Suas ilustrações eram tiradas das coisas da vida diária, e, conquanto simples, encerravam admirável profundidade de sentido. As aves do céu, os lírios do campo, a semente, o pastor e as ovelhas – com essas coisas ilustrava Cristo a verdade imortal” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 254).

## Reverência

“Os pastores não devem formar hábito de contar anedotas no púlpito; isto prejudica o poder e a solenidade da verdade que apresentam. A narração de anedotas ou incidentes que produzam riso ou um pensamento leviano no espírito dos ouvintes é severamente censurável. As verdades devem ser revestidas de linguagem pura e cheia de dignidade; e as ilustrações devem ser de caráter semelhante” (*Evangelismo*, p. 640).

## Equilíbrio

“Como mensageiros divinamente designados, os pastores estão numa posição de extraordinária responsabilidade. Eles devem reprovar, repreender, exortar, *com toda longanimidade*. À semelhança de Cristo, devem agir como despenseiros dos mistérios do Céu, encorajando o obediente e advertindo o desobediente” (*R&H*, 11/09/1913 – grifo acrescentado).

## Apelo integral

“A pregação da palavra deve apelar para a inteligência, e comunicar conhecimento, mas cumpre-lhe fazer mais que isso. A palavra do pastor, para ser eficaz, tem de atingir o coração dos ouvintes” (*Obreiros Evangélicos*, p. 152).

A relação entre mensagem e mensageiro é vital. A personalidade e o caráter deste exercem tanta influência sobre aquela como a condição de limpeza de um vaso afeta o conteúdo dele. Por isso, o sermão requer a existência de um pregador idôneo, capaz, adequado. Ellen White se antecipou também a tudo o que os modernos eruditos da homilética têm a dizer sobre as características do pregador. Aqui estão algumas de suas declarações.

## Coerência

“Há perigo de que os pastores que professam crer na verdade presente se satisfaçam em apresentar a teoria somente, enquanto a própria pessoa não sente o seu poder santificador. Alguns não têm o amor de Deus no coração suavizando, moldando e enobrecendo a existência” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 526).

## Refinamento

“A conduta do pastor enquanto no púlpito deve ser ponderada, não descuidada. Ele não deve ser negligente com respeito à sua atitude... Deve adotar ordem e possuir refinamento no mais alto sentido... Suas palavras devem ser selecionadas e saudável sua pregação. Palavras acidentais usadas pelos pastores que não pregam o evangelho em sinceridade, devem ser para sempre descartadas” (*Ibid.*, v. 2, p. 706, 707).

## Gesticulação adequada

“No púlpito, os pastores não têm permissão para se comportarem como atores, tomando atitudes e expressões calculadas para causar efeito. Eles não ocupam o púlpito sagrado para agir

como atores, mas para ensinar verdades solenes. Há também pastores fanáticos que, na tentativa de pregar a Cristo, esbravejam, gritam, saltam, esmurram o púlpito, como se esse exercício corporal servisse para alguma coisa. Tais exhibições não conferem força nenhuma às verdades proferidas. Ao contrário, desagradam homens e mulheres de temperamento calmo e visão elevada. No púlpito, é dever dos que se entregam ao ministério abandonar toda espécie de rudeza e toda conduta tempestuosa.” (*Evangelismo*, p. 640).

## Voz agradável

“A voz é um grande poder, contudo muitos não têm treinado para usá-la em sua mais alta capacidade. Jesus é nosso exemplo. Sua voz era musical e jamais a elevava forçando em altas notas quando falava ao povo. Ele não falava tão rapidamente misturando as palavras, de modo que dificultasse a compreensão. O Mestre enunciava distintamente cada palavra, e aqueles que ouviam Sua voz podiam testemunhar: ‘Nunca alguém falou como este Homem’.” (*R&H*, 05/03/1895).

## Objetividade

“Que a mensagem para este tempo não seja apresentada em discursos longos e elaborados, mas em práticas breves e incisivas, isto é, que vão diretamente ao ponto. Sermões prolongados fatigam a resistência do orador e a paciência dos ouvintes. Se o pregador é daqueles que sentem a importância de sua mensagem, precisa ser especialmente cuidadoso para que não sobrecarregue suas energias físicas, e dê ao povo mais do que pode reter” (*Obreiros Evangélicos*, p. 167, 168).

A grandeza do nosso chamado e a nobreza da verdade que proclamamos nos impõem o dever de dedicar a Deus e à tarefa da pregação nada menos que a excelência. É assim que a bênção divina acompanhará nossos esforços, fazendo com que frutifiquem para a eternidade. ■



Secretário associado da  
Divisão África Oriental

# Mudanças no culto

*Como tornar nossa experiência de adoração relevante, sem abdicar da fidelidade à teologia*

Com muita expectativa, entrei no auditório lotado naquela manhã de sábado, para assistir ao que meus amigos chamavam de “culto alternativo”. O líder, vestido informalmente, pegou o microfone, contou algumas histórias pessoais e anedotas, e pediu que os ouvintes se levantassem e cantassem “com gosto e sentimento” os cânticos contemporâneos projetados na tela. Alguns fechavam os olhos e outros erguiam as mãos enquanto cantavam. Outros pareciam mais interessados em ouvir a banda e a equipe de louvor.

Isso durou aproximadamente 20 minutos, seguindo-se a coleta das ofertas. Alguém fez a oração pelas ofertas emendando-a com a oração pastoral. Então, veio o sermão. Um jovem pregou mostrando trechos

de um DVD de *O senhor dos anéis*, aparentemente comparando o filme com a Bíblia. Quando saí do auditório, me senti um pouco perturbado. Outras pessoas pareciam ter gostado da experiência.

Tenho observado esse tipo de fenômeno em quatro continentes. Seria ele sinal de saudável criatividade ou sintoma de confusão? São tais formas de culto determinadas pela cultura moderna ou pelo compromisso teológico vital? Como líderes, nosso desafio é manter o culto teologicamente intacto e culturalmente relevante. Apocalipse 14:6, 7 nos oferece um poderoso fator integrativo para perfeição teológica e relevância cultural, assegurando-nos assim uma identidade adventista de culto.

## Em tempos pós-modernos

Nossa época pós-moderna gera em muitas pessoas uma crise de identidade. As pessoas estão confusas, desfocadas, fragmentadas e têm grande dificuldade para se definir e perceber o mundo em que vivem. Como explica Kenneth Gergen, “sob condições pós-modernas, as pessoas existem em um estado de contínua construção e reconstrução; um mundo em que tudo pode ser negociado. Cada realidade dá chance a questionamento reflexivo, ironia e, finalmente, a brincadeira provê outra realidade. O fundamento se desmorona”.<sup>1</sup>

Em face de tal crise de identidade, a igreja é responsável por oferecer uma solução confiável não apenas em questões doutrinárias, mas também

no culto e fraternidade.<sup>2</sup> O advento do “culto contemporâneo” tem nivelado as paredes doutrinárias e, para um crescente número de cristãos, criado novo tipo de culto definido mais por estilo do que conteúdo. O anseio contemporâneo não é tanto por exatidão doutrinária, mas por um estilo de culto que responda às questões sociais e emocionais.

A igreja adventista não é imune a essa influência. Na verdade, há dois fortes movimentos que podem ter afetado a visão de alguns adventistas sobre o culto: o movimento “Pesquisadores de Culto”, focalizado especialmente no gosto do visitante, e o movimento “Adoração e Louvor”, caracterizado por música em estilo *pop-rock*. Vamos avaliar, brevemente, esses movimentos e fazer algumas conexões com a inovação de culto pretendida por alguns entre nós.

### Pesquisadores de culto

O principal objetivo do pesquisador de culto amigável assemelha-se a deixar os visitantes o mais confortavelmente possível, enquanto ouvem a mensagem cristã. A igreja pode ser descrita como um espaço em que eles podem se sentir “em casa”. Nesse contexto, os principais elementos de um culto típico<sup>3</sup> são cânticos congregacionais contemporâneos, com letras simples projetadas numa tela, e afirmar que sempre se tenta evitar “clichês e linguagem arcaica e espiritualizada”.<sup>4</sup> O orador apresenta um sermão “prático”, em linguagem simples, ilustrado com apresentações em *Power Point* ou *videoclips*. A programação termina com uma oração e um corinho simples. Tudo o que é feito pelos “Pesquisadores de Culto” tem por objetivo alcançar a pessoa não-crente.

Esse movimento não é novo. É possível ver suas raízes no culto reavivamentista americano dos séculos 18 e 19, que encontrava sua melhor expressão em reuniões campais. Entretanto, foi Charles Finney, famoso reavivamentista do século 19, que se tornou o reformador mais influente do culto.

Devemos notar três importantes aspectos na reforma encabeçada por Finney.<sup>5</sup> Primeiro, ele enfatizava liberdade e inovação acima da tradição, argumentando que a Bíblia não prescreve nenhum estilo em particular. Segundo, ele contextualizou o culto, ao adaptá-lo à cultura prevalecente enquanto removia todas as barreiras “desnecessárias” para a audiência. Terceiro, e talvez mais importante, Finney reverteu o relacionamento entre culto e evangelismo. Durante séculos, os teólogos têm visto o evangelismo como subproduto do culto. Com Finney, o evangelismo ganhou preeminência sobre o culto, ao ele transformá-lo em reuniões evangelísticas. Outros reavivamentistas e evangelistas adotaram essa estratégia e seu legado ainda pode ser sentido nas igrejas protestantes.

Alguns círculos adventistas têm absorvido o modelo “Pesquisadores de Culto”. A presença desse modelo em alguns *campus* universitários e igrejas testemunha da popularidade alcançada por esse tipo de culto *à la carte*. Consequentemente, não é preciso haver grupos com diferentes gostos de culto para adorar juntos.

Cada qual pode louvar separadamente, se quiser. Fundamentalmente, isso coloca em cheque a ideia da igreja como família.

Para o modelo “Pesquisadores de Culto”, quanto mais próximo ele se tornar da cultura imediata e descartar o ornamento da cultura tradicional, melhor. Mas, o problema é que, em vez de criar algo único, ele pode terminar identificando-se completamente com o ambiente cultural. Semelhantemente, há quem perceba, nesse contexto pós-moderno, que muitas igrejas orientadas para esse modelo colocam tradições e diferenças doutrinárias em segundo plano, por causa de supostas implicações “autoritárias” ou “separatistas”.

O resultado disso? Uma religião utilitária com sua distinção frequentemente camuflada no esforço para apelar às pessoas. Então, quando pastores se tornam obsessivos pela noção de relevância, à custa do chamado profético, tendem a agir orientados pela imediata satisfação de necessidades, mas com pouca ênfase doutrinária. Como Marva Dawn disse muito bem, eles recuam enquanto tentam alcançar outros.<sup>6</sup>



“Pesquisadores de culto” são tão enredados pela cultura contemporânea que têm dificuldade para elevar-se acima dela. Tornam-se tão obsessivos com a ideia de ser culturalmente relevantes que acabam omitindo Deus no culto. Em adição, rejeitando todas as tradições, muitos líderes de culto têm privado o povo de Deus das riquezas do louvor. Essa falta de perspectiva histórica e teológica tem reduzido o culto ao “aqui e agora”, impedindo sólido compromisso com Aquele que é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

Ninguém pode negar que o culto orientado para esse modelo tem priorizado o evangelismo. Entretanto, seus adeptos perdem a essência da adoração na medida em que são profundamente antropocêntricos. Muitos removem a centralidade de Deus no culto, à medida que aumentam o foco sobre necessidades individuais. Como as igrejas se tornam auto-obsessivas, o Deus bíblico pode ser facilmente reduzido a um terapeuta celestial.

Por isso, é necessário lembrar que o culto autêntico não começa com as necessidades humanas, mas com a atividade de Deus na História. O culto deve ser a resposta sincera do crente aos poderosos atos de Deus na criação e redenção – a afirmação da criatura sobre o amor e fidelidade de Deus. Portanto, o primeiro ponto que os líderes devem compreender não é como tornar o culto mais apelativo e relevante para as pessoas, mas como torná-las mais comprometidas com seu Criador e Redentor. Tal culto não apenas atrai o crente à presença de Deus, mas também o ajuda a experimentar-Lo durante o culto e através dele (1Co 14). A principal preocupação dos líderes não deve ser apenas relevância, mas levar o povo a verdadeiramente adorar a Deus.

### Louvor e adoração

Uma segunda tendência que influencia fortemente o cenário do culto adventista contemporâneo inclui o movimento “Louvor e Adoração”.

Distinto, mas não totalmente desligado do movimento anteriormente considerado, ele é a mais influente mudança no culto protestante em anos recentes. Transdenominacional e global em seu escopo, ele tem sido saudado por alguns como um novo toque do Pentecostes, e acusado por outros como representando “não o sopro do Espírito de Deus, mas do espírito da época”.<sup>7</sup>

*O primeiro ponto que os líderes devem compreender não é como tornar o culto mais apelativo e relevante para as pessoas, mas como torná-las mais comprometidas com Deus*

“Ampla e pejorativamente identificado como culto pentecostal”,<sup>8</sup> o modelo “Louvor e Adoração” frequentemente enfatiza a participação livre e expressiva, em que os adoradores buscam a presença de Deus através do uso sacramental de cânticos contemporâneos.<sup>9</sup> Dos imponentes hinos de louvor que exaltam o poder e grandeza de Deus à música morna que enfatiza o relacionamento pessoal com Deus (daí, o termo “louvor e adoração”), os adoradores são levados em uma série de estados emocionais que, de acordo com a proposta do modelo, lhes permitem experimentar cada vez mais a presença de Deus entre eles.

Embora esse tipo de culto possa ter diversos antecedentes como o Revivamento Metodista, o Movimento Santidade, igrejas afro-americanas e Movimento de Jesus, dos anos 60,<sup>10</sup> ele tem-se tornado mais intimamente ligado ao que Peter Wagner chama de “terceira onda do carismatismo”,<sup>11</sup> que tem varrido o cristianismo nos anos recentes. Por causa dessa onda e sua grande influência sobre as igrejas, “os estilos carismáticos de louvor têm sido difundidos nas congregações e denominações dos variados tons teológicos”.<sup>12</sup>

Esse modelo de culto enfatiza um encontro relacional com Deus, em vez das mais passivas, ou mentais, expressões de louvor prevaletentes em outras formas. Nessa experiência de adoração “face a face”, estar “no Espírito” se torna a condição essencial para o real encontro com Deus. Não raro, isso se manifesta através de cânticos desinibidos, dança e glosolalia. Os participantes vivem uma experiência de entrega total a Deus. E o crescimento desse tipo de culto corre paralelamente à globalização cultural e econômica. O que acontece em uma igreja evangélica influente é rapidamente exportado às mais remotas regiões do mundo pelos meios de comunicação. Isso é feito em termos da troca de produtos cultural-

mente adaptados e pelo trabalho de líderes que viajam pelo mundo treinando adoradores, modelando o culto contemporâneo através de seus cânticos e ensinamentos. Tradicionalmente, a abordagem do culto era feita através de palestras e textos das elites eclesiais; hoje, os catalisadores mais influentes são CDs, DVDs e cantores profissionais.

A nova situação definitivamente favorece uma reforma global do culto. Harvey Cox argumenta que nossa era é igual à do Império Romano do primeiro século. Ele escreve: “Cristãos usam a tecnologia da cultura global para divulgar o evangelho. Assim como Paulo usou navios, linguagem grega, referências a poetas clássicos, cartas e sua cidadania romana para viajar com as boas-novas, os cristãos devem se beneficiar dos recursos tecnológicos atuais.”<sup>13</sup>

Entretanto, Cox adverte: “Enquanto os primeiros cristãos diziam ‘sim’ e ‘não’ à cultura global de seu tempo, os cristãos atuais dizem apenas ‘sim’... Na pior hipótese, alguns movimentos cristãos promovem e até sacralizam falsos valores de mercado.”<sup>14</sup> Um ponto não deve ser esquecido: um mundo dirigido pelo mercado tem

a tendência de tornar o cristianismo tão atrativo quando possível, o que levanta uma questão: Correremos nós o risco de desnaturalizar o evangelho, massificando-o mercadologicamente? Tornando o evangelho tão palatável quanto possível, não estaremos roubando seu poder de transformar o mundo com os valores do reino?

Num mundo em que as pessoas são ávidas para abraçar mistérios e dar mais espaço à sua nutrição, o envolvimento pessoal se torna questão-chave. Refletindo sobre os adoradores atuais, Kenda Dean escreve: "Para eles, cultivar é um verbo. É invocar a imediação de um Deus tremendo, presente, no qual Sua realidade é subjetivamente apreendida."<sup>15</sup> Essa experiência com Deus é um engajamento ativo e dinâmico.

O movimento "Louvor e Adoração" pode ser visto como a sede de mais íntima experiência religiosa. O tipo de música (frequentemente popular suave ou *rock leve*) desempenha parte importante na habilidade dos adoradores para ecoar a presente geração sem necessidade de revisitar o passado e cantar cânticos descontextualizados para encontrar o Deus da época.

Essa abordagem vernacular também se manifesta nos textos usados; a maioria deles atuais, curtos e simples. Embora muitos dos cânticos sejam baseados nas Escrituras, eles geralmente são destituídos de significado teológico profundo. Ao contrário, apenas expressam gratidão e louvor pela grandeza e bondade de Deus. O uso de *Power Point* no culto também favorece maior liberdade corporal do que os hinários permitiriam. Consequentemente, contemporaneidade e acessibilidade são soberanas nesse movimento.

Outro elemento de sua natureza experimental focaliza o *cantar a Deus*, não a *respeito de Deus*. Pete Ward argumenta que isso representa mudar do culto objetivo para o reflexivo.<sup>16</sup> Enquanto os hinos tradicionais tendem a centralizar-se mais na repetição "objetiva" da história da salvação,

os cânticos contemporâneos tendem a falar mais de sentimentos e emoções relacionados a Deus. Assim, vemos Deus como estando ativamente envolvido aqui e agora, ansioso para tocar e transformar vidas.

Essa ênfase na imanência de Deus resulta em uma mudança bem-vinda, pois não exaltamos um Deus fechado e inacessível. Porém, o culto também necessita considerar a transcendência de Deus, porque Ele é "Deus... de perto... e... de longe" (Jr 23:23). Isso me leva a duas importantes questões a respeito da adoração.

### Emocionalismo e individualismo

A primeira área de preocupação inclui o emocionalismo que nunca está longe "quando a crença é rebaixada e a experiência é promovida".<sup>17</sup> Não raro, o valor da experiência de culto corre o risco de ser medido quase exclusivamente pelos sentimentos, divorciando assim o intelecto da experiência cristã.

Em um ambiente em que as pessoas levam muito a sério a experiência e a emoção, os pontos de doutrinas tendem a se tornar irrelevantes. Entretanto, separar o culto da reflexão teológica sobre Deus e Seus poderosos atos pode não ser benéfico à congregação. Os membros da igreja não apenas devem ser encorajados a expressar seus sentimentos a Deus, mas também devem ser desafiados a pensar.

A noção de que vamos à presença de Deus apenas para relaxar impede o crescimento espiritual e dificulta a reflexão teológica. Na verdade, esse tipo de sentimentalismo é contrário ao verdadeiro comprometimento com Deus. O culto, integral em sua natureza, deve envolver todas as nossas faculdades.

A segunda área de preocupação é a noção de individualismo. Em um tempo em que as pessoas desejam experiência espiritual, o que mais importa é o contato humano-divino. Muitos cânticos contemporâneos abordam a expressão individual de fé. O uso exagerado de *eu* e *me* nas letras, revela essa tendência. Ex-

pressões de experiência individual louvam a Deus por Seu cuidado e graças dispensados ao crente. Porém, uma questão permanece: São elas expressões de uma fé voltada para o interior?

Necessitamos lembrar que o significado e natureza do culto corporativo devem ser comunais, não individualistas. O culto inclui diálogo e comunhão, junto com um eixo vertical e horizontal que nos une com Deus e com nossos semelhantes. Os cânticos e o louvor que conduzimos não devem deixar de expressar a natureza comunal de nossa fé. (Continua) ▀

#### Referências:

- <sup>1</sup> Kenneth Gergen, *The Saturated Self*, em R. Middleton e B. Walsh, *Truth Is Stranger Than It Used to Be* (Leicester, Inglaterra: IVP, 1995), p. 52, 53.
- <sup>2</sup> Cornelius Plantinga Jr e Sue Rozeboom, *Discerning the Spirits: A Guide to Thinking About Christian Worship Today* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002), p. 2, 3.
- <sup>3</sup> Gregory A. Pritchard, *Willow Creek Seeker Services* (N.P.: Baker Books, 1995), p. 80-156.
- <sup>4</sup> *Ibid.*, p. 87.
- <sup>5</sup> Robb Redman, *The Great Worship Awakening: Singing the Lord's Song in the Postmodern Church* (San Francisco: Jossey-Bass, 2002), 5 ff.
- <sup>6</sup> Marva Dawn, *Reaching Out Without Dumbing Down: A Theology of Worship for the Turn-of-the-Century Culture* (Grand Rapids: Eerdmans, 1995).
- <sup>7</sup> Cornelius Plantinga Jr. e Sue Rozeboom, *Op. Cit.*, p. 3.
- <sup>8</sup> Paul Basden, *The Worship Maze: Finding a Style to Fit Your Church* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999), p. 77.
- <sup>9</sup> Lester Ruth, em Paul F. Bradshaw, *The New SCM Dictionary of Liturgy and Worship* (Lanham: SCM Press, 2002), p. 378.
- <sup>10</sup> James F. White, *Protestant Worship: Traditions in Transition* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1989), p. 192-216.
- <sup>11</sup> Peter Wagner, *The Third Wave of the Holy Spirit: Encountering the Power of Signs and Wonders Today* (Ann Arbor, MI: Servant, 1988).
- <sup>12</sup> Simon Coleman, *The Globalizations of Charismatic Christianity: Spreading the Gospel of Prosperity* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000), p. 22.
- <sup>13</sup> Harvey Cox, em Murray W. Dempster, *The Globalization of Pentecostalism: A Religion Made to Travel* (Oxford: Regnum, 1999), p. 391.
- <sup>14</sup> *Ibid.*, p. 391, 392.
- <sup>15</sup> Kendra Creasy Dean, em Tim Dearbons and Scott Coil, *Worship at the Next Level: Insight from Contemporary Voices* (Grand Rapids: Baxter Books, 2004).
- <sup>16</sup> Petye Ward, *Selling Worship: How What We Sing Has Changed the Church* (Milton Keynes: Paternoster, 2005), p. 207.
- <sup>17</sup> David Lyon, *Jesus in Disneyland: Religion in Postmodern Times* (Oxford: Polity, 2002), p. 441-443.



Respectivamente pastor jubilado, presta serviço ao White Memorial Medical Center, Los Angeles, e psiquiatra adventista em Washington, Estados Unidos

# Proteja sua vocação

*“O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé”*

**U**m mês depois que Eliot Spitzer renunciou ao governo de Nova Iorque, no início de 2008, Evan Thomas, repórter de *Newsweek* (24/03/2008), relatou que um amigo de Spitzer lhe perguntou se ele gostava de ser governador. “Odeio”, respondeu Spitzer, “queria ter sido professor.” Bem, se ele odiava seu trabalho e queria deixá-lo, mas não tinha coragem para fazê-lo, o envolvimento com uma prostituta foi a solução para interromper sua promissora carreira política.

Exemplos de comportamentos autodestrutivos podem ser encontrados em todas as profissões. Como Spitzer, alguns pastores descobriram que não gostam do seu trabalho. Preferiam ter escolhido qualquer outra coisa, menos ser pastor, mas não podem renunciar, senão muitos não saberiam como pagar suas contas. Sentem-se presos e, como Spitzer, envolvem-se em comportamento autodestrutivo, não raro de natureza sexual e, ao serem descobertos, renunciam ou são excluídos.

Quando pastores se sentem presos ao trabalho e querem mudar, encontram-se diante de um dilema: é difícil deixar o pastorado, pois as expectativas sempre foram associadas ao fato de ser pastor. O chamado ao ministério é compreendido como vindo de Deus e ninguém entra nele pensando em sair. Então, explicar à família, aos irmãos, amigos e colegas a decisão de abandonar tudo pode ser tarefa difícil.

Há ocasiões em que a tensão interior do pastor pode levá-lo a desenvolver ou até iniciar, consciente ou inconscientemente, uma situação que lhe assegure imediata e final solução para as frustrações construídas. Isso pode envolver relacionamento sexual; então, com a descoberta, a ansiedade passa e a carreira chega ao fim.

Quando um relacionamento ilícito, ou qualquer outra aventura de risco, resulta no desligamento de um pastor, o sentimento de vergonha e desgraça não se limita a ele. Ninguém pode calcular os efeitos disso sobre a família, a igreja, a vítima e a comunidade. E isso pode se arrastar durante anos.

Se entrevistássemos um pastor, antes de ele deixar o ministério, indubitavelmente ele condenaria os atos que resultaram em seu desligamento. Afirmaria seu compromisso pastoral, amor pela igreja, desejo de ajudar as pessoas e exaltar o Senhor. Então, como explicar a disparidade entre o que diria e o que fizera? O que pode ser feito para ajudar indivíduos valorosos a evitar situações que prejudicam pessoas e destroem vocações? Evidentemente, há coisas que podem ser feitas e a prevenção começa com o pastor.

### Ações preventivas

Os pastores necessitam estar despertos para a importância de reconhecer os fatores emocionais e cognitivos que afetam nosso comportamento. Dentro de cada um de nós, existem percepções e expectativas resultantes de nossas necessidades reais ou percebidas: esperanças, temores, sonhos, fantasias, e a realidade que é nossa vida.

Às vezes, nos sentimos sobrecarregados e descobrimos que as coisas que nos dão prazer são efêmeras e de efeito limitado. Descobrimo-nos

em um redemoinho de eventos e nos sentimos incapazes de superá-los. Mas não somos totalmente incapazes. Podemos evitar o comportamento destrutivo e as aventuras de alto risco. Devemos aceitar que temos o controle do que fazemos e que somos responsáveis pelas nossas decisões e atitudes.

Muitas pessoas que buscam ajuda do pastor são fracas, necessitadas e vulneráveis. E o pastor compreensivelmente aceita elogios quando tais pessoas lhe descrevem como foram beneficiadas por seu ministério. Afinal, ele emprega tempo, energia e, assim, acaba emocionalmente envolvido com as necessidades delas. Cuidado! Você pode não ver, mas o sinal vermelho aí está. E se a raiz de um relacionamento impróprio começar a se firmar, corte-o. Imediatamente!

A cultura contemporânea, conforme pintada na mídia, sugere que infidelidade conjugal é normal. E o pastor também pode ser influenciado pela cultura popular. Como outras pessoas, ele também é produto de seu tempo e lugar.

Pastores e outros profissionais que lidam com pessoas são susceptíveis à adulação, especialmente do sexo oposto. Essa susceptibilidade pode resultar de necessidades psicológicas inconscientes e insatisfeitas. Então, quando alguém do sexo oposto busca aconselhamento e está angustiado, o impulso humano é tocar ou abraçar essa pessoa para confortá-la e apoiá-la. Tal resposta física é carregada de perigo. O toque pode ser estimulante para as duas partes. Economize seus abraços e toques para os membros de sua família; não os distribua para qualquer pessoa.

Ocasionalmente, um pastor com alguma tendência sociopata tirará vantagem de uma pessoa fragilizada, o que representa uso profano do poder pastoral, embora, em muitos casos, ele caia inesperadamente na armadilha. Por exemplo, Jesus disse que olhar para uma mulher com intenção impura é o mesmo que cometer adultério. Es-

sa declaração contém a ideia de que pensamento equivale à ação. Nesse ponto, alguém pode racionalizar: Se o erro já está no pensamento e pensamento é igual à ação, por que não cometer o ato? Rejeite essa conclusão. Igualar todo pensamento ao ato é abrir caminho para desgosto e ruína. Aqui estão algumas precauções que todo pastor deve tomar:

Reconheça que podemos ter sentimentos sexuais impróprios. Mas não temos que nos julgar por esses sentimentos, muito menos agir com base neles.

A igreja nos confere certo poder e privilégios. Porém, jamais devemos usá-los em vantagem própria.

Quando estivermos aconselhando alguém do sexo oposto, devemos evitar qualquer contato físico além do aperto de mão. Em tal situação, o pastor deve estabelecer o tempo da conversa, que não deve ultrapassar uma hora. Seja ele especialista, ou não, em aconselhamento, não é bom permanecer muito tempo com o consulente.

O pastor também deve estar atento para a importância dos conceitos de transferência e contra-transferência. Esses são termos técnicos que definem os sentimentos do consulente em relação ao conselheiro e vice-versa. Na transferência, o consulente transfere para o pastor sentimentos (negativos ou positivos) que tem em relação a outros (pais, irmãos, namorado). Contra-transferência é quando o pastor transfere seus sentimentos ao consulente. O pastor pode sentir o sofrimento da pessoa a tal ponto que esse sofrimento seja percebido como seu.

É importante que o pastor responda apropriadamente a tais sentimentos. Jamais ele deve comprometer o relacionamento conselheiro-consulente nem violar a ética pastoral que define os relacionamentos apropriados entre pastor e membro.

Normalmente, o consulente não tem discernimento para saber que os sentimentos nutridos em relação

ao conselheiro resultam da transferência. Portanto, o pastor deve permanecer alerta para o potencial dano que esses poderes emocionais exercem, caso não sejam controlados.

Cada pastor deve ter um amigo íntimo, um colega em quem possa confiar, com quem possa conversar, partilhar problemas e inquietações. Se esse amigo o advertir sobre algum assunto, ouça e aja no sentido de remover o problema. Isso evitará maior sofrimento no futuro.

## Responsabilidade pessoal

Sempre que um pastor se envolver num relacionamento ilícito, ele é culpado. Não existem exceções. “Eu não pude me controlar”; “caí em uma armadilha”; “não imaginei que a situação fosse tão longe”; todas essas desculpas são inaceitáveis. Quando sentimentos o capturam em áreas em que pode violar o código moral, a responsabilidade é pura e simplesmente do pastor.

Seja honesto consigo mesmo. Toda pessoa é vulnerável. A área do nosso cérebro, abaixo do córtex cerebral, é formada basicamente como a de outros mamíferos, e mamíferos irracionais não são conhecidos por sua fidelidade sexual. O que nos distingue, então? Temos um córtex que nos permite escolher ou modificar ações e que nos capacita a ter ideias sobre comportamento moral.

Nosso instinto mamífero e os valores morais podem, às vezes, entrar em conflito. Em Romanos 7:21, Paulo descreve uma guerra, travada dentro de nós, entre o bem e o mal. Por isso, Pedro adverte: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que rugirá procurando alguém para devorar” (1Pe 5:8). E também aponta a saída: “Resisti-lhe firmes na fé” (v. 9)

A decisão é nossa. Quando nos sentirmos prestes a enveredar por algum tipo de comportamento destrutivo, podemos escolher permanecer fiéis à nossa vocação e honrar nossos valores, ou podemos escolher o erro e colher as consequências. ▀

# Já é “futuro com esperança”



da ASN

**E**ste bimestre, especialmente o mês de maio, é fundamental no organograma do Projeto Futuro com Esperança. Após a fase de preparo, vivida nos meses anteriores, esteja atento aos passos seguintes do projeto:

## Promoção

**Lançamento para os pastores**, durante o Concílio Ministerial Sul-Americano, via satélite, nos dias 4 e 5 de maio, com a participação do Pastor Mark Finley e a equipe da Divisão Sul-Americana.

**Lançamento para a liderança voluntária da igreja**, no dia 9 de maio, pelo canal executivo da TV Novo Tempo.

**Ajustes finais**, durante a Comissão Diretiva da DSA, nos dias 11 a 14 de maio, em Brasília.

**Revista Adventista**, edição especial sobre o projeto, destacando os “Lares de esperança”.

**Revista Missionária** de cada União, focalizando o mesmo tema.

**Divulgação do projeto**, através dos meios de comunicação da igreja: Rádio

e TV Novo Tempo, internet, Lição da Escola Sabatina, revistas denominacionais, jornais e boletins regionais.

## Envolvimento

**Semana da Família (23-30 de maio)**. Programa na igreja local, fortalecendo as famílias e preparando-as para o sábado dos “Lares de esperança”. O programa será transmitido, via satélite, pelo canal executivo da TV Novo Tempo, tendo como oradores os pastores Marcos Bonfim (português) e Miguel Ángel Nuñez (espanhol).

**Lares de Esperança (30 de maio)**. Grande mobilização missionária da igreja, com 600 mil lares adventistas abrindo as portas, em toda a DSA, a famílias, vizinhos, amigos, colegas de estudo ou trabalho, profissionais e outros não adventistas.

O programa será realizado em cada lar, no horário do almoço ou em outro momento do sábado que seja conveniente para os convidados. Nessa ocasião, a família adventista anfitriã deve oferecer uma refeição ou lanche aos convidados,

apresentar-lhes a mensagem especial do pastor Mark Finley, em DVD, pela TV Novo Tempo ou através do portal da esperança – [www.esperanca.com.br](http://www.esperanca.com.br) ou [www.esperanzaweb.com](http://www.esperanzaweb.com).

Além disso, o anfitrião deve testemunhar sobre o que Jesus tem feito em sua vida e convidar os amigos para estudar a Bíblia. Finalmente, deve entregar o livro *Sinais de Esperan-*

*ça*, com uma dedicatória e indicação dos meios pelos quais pode ser contatado: telefones residencial, comercial e celular, endereço eletrônico, entre outros.

### Continuidade

O primeiro contato realizado através dos “Lares de Esperança” será aprofundado com a utilização das diversas frentes missionárias:

**Oração intercessora** em

favor de pessoas que desejamos encaminhar a Cristo. A meta é ter um milhão de intercessores unidos em oração.

**Duplas missionárias** estudando a Bíblia com os interessados.

**Pequenos grupos** integrando esses interessados à família da igreja.

**Classes bíblicas** envolvendo os interessados no preparo para o batismo.

**Ministério de recepção** acolhendo pessoas e tornando o ambiente da igreja mais familiar para elas.

### Colheita

#### Projeto Siga a Bíblia.

Esse é um projeto introdutório à semana de evangelismo via satélite. Impressa em 66 idiomas, a Bíblia viajante passará por todas as Uniões da DSA, egressa do Oriente Médio. Para a América do Sul, o livro de Gênesis está impresso em espanhol, e o livro de Jó, em português.

**Evangelismo via satélite.** Será realizado a partir de Brasília, para todo o Brasil, nos dias 24 a 31 de outubro. Durante os dias 1 a 7 de novembro, a programação será transmitida de Cochabamba, Bolívia, para os países de fala espanhola. Em ambos os casos, serão realizados batismos diários de pessoas das diferentes Uniões. O alvo do projeto é batizar 100 mil pessoas, em toda a América do Sul. ■



Foto: Daniél Oliveira

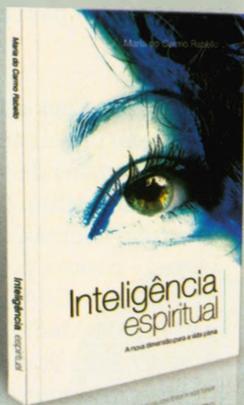
## HUMOR



Ilustração: Marta Irohawa / Jasiel Botelho

Pastores e lobos têm as ovelhas como objeto do seu interesse. Com algumas diferenças:

- ♦ Pastores querem o bem das ovelhas. Lobos querem os bens delas.
- ♦ Pastores vivem à sombra da cruz. Lobos vivem sob holofotes.
  - ♦ Pastores são servos. Lobos são autoritários.
- ♦ Pastores ensinam a verdade. Lobos se dizem donos dela.
  - ♦ Pastores têm discípulos. Lobos têm tietes.
- ♦ Pastores alimentam as ovelhas. Lobos se alimentam delas.
  - ♦ Pastores são humildes. Lobos são vaidosos.



### INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

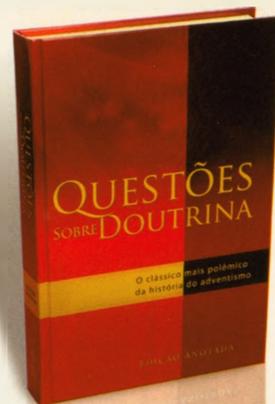
Maria do Carmo Rabello, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 9790606; 166 páginas.

Inteligência espiritual é um assunto muito discutido atualmente por psicólogos e outros estudiosos da mente humana. Estudos científicos estão confirmando as palavras de Agostinho de que fomos feitos para Deus e inquieto estará nosso coração até que possa repousar em Deus. Neste livro, a autora, pós-graduada em Psicologia, expõe o resultado de suas investigações e das mais recentes pesquisas nesse campo.

### QUESTÕES SOBRE DOCTRINA

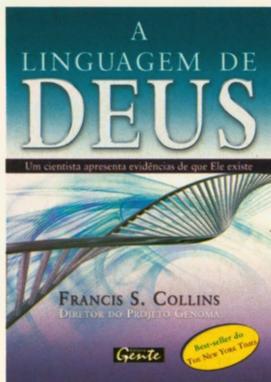
Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 9790606; 510 páginas

Este livro foi escrito para apresentar uma visão mais clara sobre os ensinamentos adventistas ao mundo evangélico, além de motivar a Igreja Adventista a refinar sua teologia em vários aspectos. Agora, com o lançamento desta edição anotada em português, pastores, professores, líderes voluntários e outros pesquisadores têm a oportunidade de conhecer uma verdadeira obra-prima da apologia adventista.



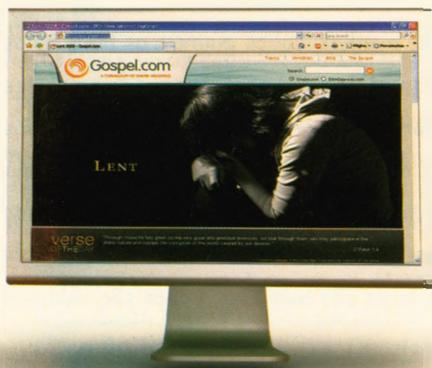
### A LINGUAGEM DE DEUS

Francis Collins, Editora Gente, São Paulo, SP, tel.: 3670-2500, gente@editoragente.com.br; 279 páginas.



Este é um livro esclarecedor sobre a relação entre a ciência e a religião. O autor, renomado cientista diretor do Projeto Genoma, reúne fundamentos teóricos e sua reflexão pessoal a respeito do assunto, apresentando evidências de que a ciência e a religiosidade devem caminhar juntas para o bem da humanidade.

### VEJA NA INTERNET [www.gospel.com](http://www.gospel.com)



Excelente portal que tem como objetivo facilitar o acesso dos pastores a um conteúdo variado fornecido por mais de 300 ministérios. Na primeira linha, na parte de cima da tela, estão os *links* para as quatro classificações do material: **Topics** (por assunto, em ordem alfabética e seleciona os mais pesquisados); **Ministries** (classifica os ministérios pelo seu nome); **Blog** (com atualizações diárias, destaca o melhor do material que é continuamente acrescentado; e na coluna, à direita da tela, esse conteúdo está arquivado por mês e por categoria); e **The Gospel** (nessa classificação, a contribuição de cada ministério está separada nas seguintes áreas: Deus, Jesus, Após a morte, Pecado, Bíblia, Igreja e Evangelho). Há também material em espanhol no endereço: [www.evangelio.com](http://www.evangelio.com) – Márcio Dias Guarda



# A sublimidade do conhecimento de Cristo

**A** Bíblia emprega linguagem variada para expressar a experiência da salvação em Cristo. Às vezes, utiliza o elemento fé, às vezes, perdão, justificação e outros termos. Mas, há uma expressão que talvez seja a mais específica e abrangente ao mesmo tempo: conhecer Cristo.

Orando pelos discípulos, Jesus disse: “E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3). Conhecer Cristo, em toda a extensão do significado bíblico é a experiência mais sublime da vida cristã. Paulo conseguiu expressar isso como nenhum outro escritor bíblico:

“Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo” (Fp 3:7,8).

Para Paulo, mesmo as coisas mais valiosas e importantes da vida eram de nenhum valor, comparadas ao conhecimento de Cristo. Em lugar da palavra “refugio”, algumas traduções utilizam termos como “lixo” ou “esterco”, tal a força que Paulo queria empregar em sua metáfora para exaltar a importância de conhecer a Cristo.

Esta é uma lição que cada pastor precisa aprender: na vida cristã e no exercício do ministério, nada existe superior ao conhecimento de Cristo. Isso não significa apenas ter informações a respeito dEle. Trata-se de uma relação pessoal, íntima e constante. É esse conhecimento que transforma, molda o caráter, dá vitória sobre a tentação e restaura a imagem de Deus em nós.

É no contexto de buscar conhecer mais a Cristo e os resultados espirituais desse conhecimento que Paulo diz: “Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3:13, 14).

Aqui, o apóstolo desvenda seus sentimentos mais profundos, assim como, por exemplo, quando fala de seu conflito espiritual entre o não fazer o bem que quer e fazer o mal que não quer (Rm 7:15-20), ou da dor infligida por seu “espinho na carne” (2Co 12:7-10). “Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado.” Essas não são palavras de falsa modéstia. Paulo de fato reconheceu que, em sua própria experiência, ainda havia muito a conhecer de Cristo e da santidade decorrente desse conhecimento.

A expressão se torna ainda mais impressiva, quando consideramos o momento em que ele a escreveu. Não era mais o jovem apóstolo, recém-convertido impetuoso. Haviam-se passado três décadas desde seu encontro com Jesus na estrada de Damasco. Ele tinha escrito a maior parte dos livros do Novo Testamento, havia recebido sonhos e revelações celestiais, havia sido arrebatado até ao terceiro Céu

e “ouviu palavras inefáveis” (2Co 12:4). Dificilmente se encontrará na história da Igreja alguém que tenha conhecido Jesus mais que Paulo. Ainda assim, ele diz: “não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço...” O apóstolo tinha um

*No pastorado, nada existe superior à experiência pessoal com Jesus*

propósito: avançar no conhecimento de Cristo. Não que ele só fizesse uma coisa em sua vida, mas o essencial da vida era crescer no conhecimento de Cristo.

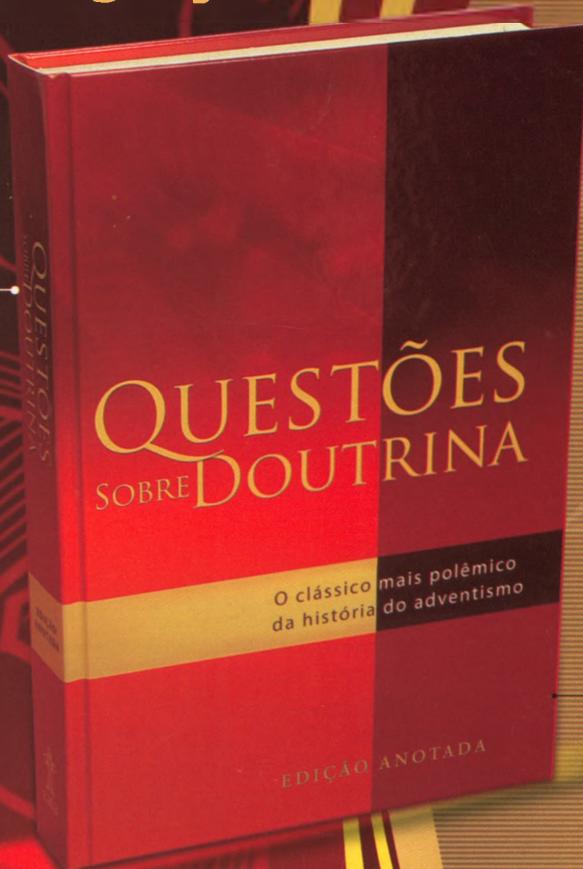
Querido pastor, sempre há mais de Cristo a conhecer. Infelizmente, muitos deixam que a rotina os distraia do que é essencial na vida. Às vezes, mesmo coisas importantes absorvem nosso tempo e o melhor de nossas energias. Mas, precisamos estabelecer corretamente nossa escala de valores: Diante da sublimidade do conhecimento de Cristo, tudo o mais é perda.

Se, para conhecer mais de Cristo, você precisa realizar menos, opte por conhecê-Lo mais. Se, para isso, você tiver que abrir mão de privilégios, receber menos elogios e ter menos histórias para contar, conheça-O mais. Nada fará seu pastorado tão rico, abrangente, influente e efetivo na vida da igreja e das pessoas, quanto o seu conhecimento pessoal de Cristo. ❧

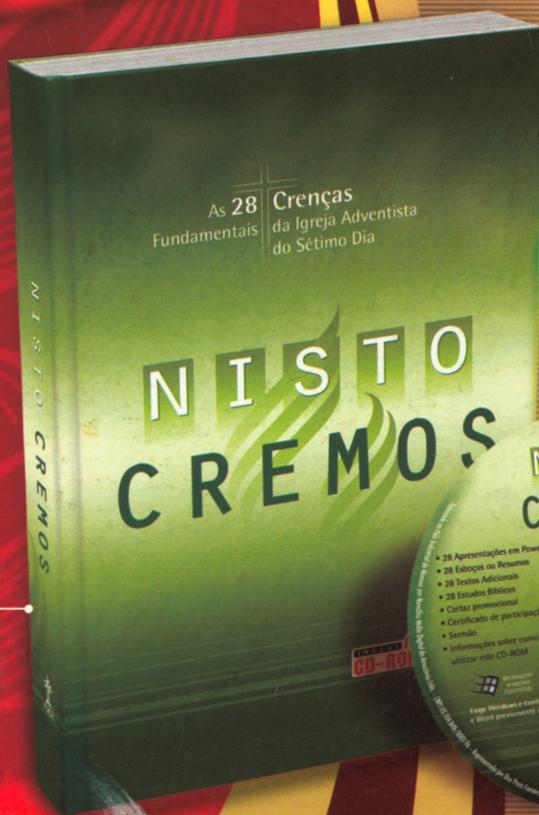
# Conheça a fundo as doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia

*Questões Sobre Doutrina foi escrito para apresentar ao mundo evangélico uma visão mais clara dos ensinamentos adventistas. Ironicamente, porém, acabou gerando muitos debates dentro da própria igreja. Foi até considerado o livro mais divisivo na história do adventismo e um símbolo de tensão. Agora você tem a chance de obter esta obra fundamental e esclarecer tudo sobre a teologia e as doutrinas adventistas. Você não pode deixar de ler este clássico!*

*Nisto cremos apresenta as crenças básicas dos Adventistas do Sétimo Dia de modo dinâmico e acessível, para você explorar, estudar e avaliar. Em detalhes, este volume mostra como cada crença está fundamentada na Bíblia e centralizada em Cristo. Ao contrário dos credos rígidos, o objetivo deste livro é revelar a percepção adventista sobre Deus e a verdade.*



Encadernado  
Formato: 16,5 x 23,8 cm  
512 páginas  
Cód. 8473



Brochura  
Formato: 13,7 x 20 cm  
480 páginas  
Cód. 6099

#### CD-ROM

##### Kit de Estudos possui:

- 28 apresentações em PowerPoint
- 28 textos adicionais escritos por pastores e teólogos
- 28 estudos bíblicos inéditos
- Material complementar
- Tudo em português e espanhol



Para adquirir, ligue: 0800-9790606\*,  
acesse: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br), ou dirija-se  
a uma das Lojas da CASA ou SELS.

\*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h